



Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-graduação em Lingüística

**FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA ARAWETÉ:
UMA NOVA CONTRIBUIÇÃO**

Juliana Ferreira Alves

Brasília

2008

Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-graduação em Lingüística

**FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA ARAWETÉ:
UMA NOVA CONTRIBUIÇÃO**

Juliana Ferreira Alves

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof.º Dr.º Aryon Dall’Igna Rodrigues

Brasília

2008

Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-graduação em Lingüística

Dissertação de Mestrado

**FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA ARAWETÉ:
UMA NOVA CONTRIBUIÇÃO**

Juliana Ferreira Alves

Banca examinadora:

Professor Doutor Aryon Dall’Igna Rodrigues (UnB) - orientador

Professora Doutora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) - membro

Professor Doutor Dermeval da Hora Oliveira (UFPB) - membro externo

Professora Doutora Poliana Maria Alves (UnB) - suplente

Brasília/DF, 27 de junho de 2008.

Ao povo Araweté

AGRADECIMENTOS

Trabalhar com língua indígena é um projeto de vida, antes de tudo. O meu começou há pouco tempo. Esta dissertação é o início do que espero ser uma longa jornada, por assim dizer. Com certeza, muitas pessoas contribuíram para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, agradeço a minha mãe, Ione Terezinha Ferreira Alves, que mesmo não compreendendo o porquê da escolha em trabalhar com línguas indígenas, pois supunha que o assunto era muito complexo e as viagens perigosas, sempre se preocupou e me apoiou nesse desafio. Igualmente grata a meu pai, Olimpio de Castro Alves, as minhas irmãs Amanda e Luciana Ferreira Alves, a meu afilhado Teodorico Fernandes de Sousa e a sua mãe Francisca Fernandes Filha. A minha avó Maria Alves, por suas longas histórias e exemplos de vida e a quem me espelho para poder fazer o melhor que posso. A meu marido José Ricardo Bezerra Gomes, que me compreende e me apóia com uma paciência inigualável, pelos esforços que fez para que eu pudesse ter uma gravidez tranqüila enquanto desenvolvia este programa de estudo. Dedico, também, este trabalho a meu filho Artur Ferreira Gomes, meu primeiro “filhote”, que chegou durante o mestrado e permitiu que eu tivesse novas leituras sobre a maternidade e sobre o mundo. A Ana Maria Rubim, conhecida como Luana, que me ajuda diariamente na criação e educação do meu filho.

A Eneida Alice dos Santos, colega nas aulas de mestrado, e, principalmente, fora delas. E aos meus amigos do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília (Lali/UnB): Eduardo Vasconcelos, Chandra Viegas, Edineide Santos, Maxwell Miranda, Thiago Chacon, Lidiane Szerwinsk, Carolina Aragon, Raissa Simão, Juliana dos Santos, Renata Oliveira, Suseile Sousa, Marina Magalhães, Edilson Melgueiro (etnia Baniwa) e Thiago Rodrigues. Em especial, a Fernando Orphão, por nos ensinar e nos ajudar a trabalhar com o programa de análise acústica, a Sanderson Castro, sempre à disposição para solucionar qualquer dúvida, e, principalmente, a Eliete Solano, que foi minha parceira de campo, permitindo que eu a acompanhasse na ida à aldeia Araweté, pelo apoio e pelos ensinamentos e pela acolhida que me foi proporcionada em Belém do Pará.

A todos os meus amigos da UnB, em especial, a Davi Monteiro Miranda e a Benedito Alemão de Carvalho Neto pelos momentos que passamos trabalhando em prol dos estudantes de Letras e a Mayra Oliveira pelas divertidas conversas e pelas caronas durante a graduação.

Não haveria palavras que conseguissem expressar a minha gratidão ao Professor Doutor Aryon Dall'Igna Rodrigues, que me orientou com sua sabedoria inigualável, paciência e bom senso, assim como a Professora Doutora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, que não só criou para mim a oportunidade de trabalhar com a língua Araweté, como contribuiu, para a realização deste estudo, com a mesma atenção que dedica aos seus próprios orientandos. Agradeço, ainda, ao Professor Doutor Dermeval da Hora Oliveira pelas observações críticas e sugestões pertinentes.

Ademais, sou grata à Fundação Nacional do Índio (Funai), particularmente aos Senhores Benigno Marques e Cláudio Romero, assim como aos demais funcionários da Funai em Brasília e em Altamira que me ajudaram na realização do presente trabalho. Agradeço igualmente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos que me foi concedida, assim como, pelas passagens e diárias para trabalho de campo, obtidas por meio de projetos em desenvolvimento no Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília.

Finalmente, agradeço aos índios Araweté, pela confiança e colaboração, especialmente, aos caciques Tatoawĩ e Kamaratji, e aos demais amigos Tjimirá, Adzorõ, Iwane ro, Iwane hi, Jere?e ro, Ikajre, Mojkato hi, Tapirape.

Que país é esse

Nas favelas, no senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
No Amazonas, no Araguaia iá, iá,
Na Baixada Fluminense
Mato grosso, Minas Gerais e no
Nordeste tudo em paz
Na morte o meu descanso, mas o
Sangue anda solto
Manchando os papéis e documentos fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Terceiro mundo, se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Renato Russo, Legião Urbana.

SUMÁRIO

Lista de figuras.....	xi
Lista de quadros.....	xii
Abreviaturas, siglas e símbolos.....	xiii
Resumo.....	xiv
Abstract.....	xv
Introdução.....	15
0.1 Objetivos.....	15
0.2 Metodologia e orientação teórica.....	15
0.3 Divisão dos capítulos.....	16
Capítulo 1: Considerações iniciais.....	17
1.1 Considerações sobre o povo Araweté.....	17
1.1.1 Localização geográfica.....	17
1.1.2 O etnônimo.....	20
1.1.3 O povo.....	20
1.1.4 Subsistência.....	22
1.1.5 Educação escolar.....	23
1.2 Considerações lingüísticas sobre o Araweté.....	24
2.1 Classificação da língua Araweté dentro da família Tupí-Guaraní.....	24
1.3 Considerações finais.....	26
Capítulo 2: Estudos lingüísticos sobre a fonologia da língua araweté.....	27
2 Introdução.....	27
2.1 Estudos sincrônicos e diacrônicos.....	27
2.2 Considerações sobre pontos divergentes dos estudos anteriores.....	31
2.3 Considerações finais.....	34
Capítulo 3: Fonética e fonologia das consoantes araweté.....	35
3 Introdução.....	35
3.1 Descrição fonética das consoantes Araweté.....	35

3.1.1	Descrição dos ambientes de ocorrência das consoantes.....	36
3.2	Descrição fonológica das consoantes.....	43
3.2.1	Contraste entre fonemas consonantais.....	43
3.3	Fonemas e alofones.....	45
3.4	Considerações finais.....	49
 Capítulo 4: Fonética e fonologia das vogais araweté.....		51
4	Introdução.....	51
4.1	Descrição fonética das vogais orais.....	51
4.1.1	Descrição dos ambientes de ocorrência das vogais orais.....	51
4.2	Descrição fonológica das vogais orais.....	55
4.2.1	Contraste entre fonemas vocálicos orais.....	55
4.3	Fonemas e alofones das vogais orais.....	57
4.4	Descrição fonética das vogais nasais.....	59
4.4.1	Descrição dos ambientes de ocorrência das vogais nasais.....	59
4.5	Descrição fonológica das vogais nasais.....	61
4.5.1	Contraste entre fonemas vocálicos nasais.....	61
4.6	Fonemas nasais e alofones.....	63
4.7	Considerações sobre as vogais nasais.....	64
4.8	Considerações finais.....	67
 Capítulo 5: Acento, padrão silábico e processos fonológicos.....		68
5	Introdução.....	68
5.1	Acento.....	69
5.1.1	Acento em palavras de origem portuguesa.....	69
5.2	Padrão silábico.....	70
5.3	Processos fonológicos.....	71
5.3.1	Reduções.....	71
5.3.1.1	Queda da vogal /i/ em início de palavra.....	71
5.3.1.2	Queda de fricativa glotal.....	71
5.3.1.3	Queda de aproximante labial.....	72
5.3.1.4	Queda de oclusiva glotal.....	72
5.3.1.5	Queda de sílaba medial.....	72
5.3.2	Propagação de nasalidade.....	72

5.3.2.1 Nasalização no interior de morfema.....	73
5.3.3 Assimilação.....	74
5.3.3.1 Assimilação total.....	74
5.3.4 Adaptação fonológica dos empréstimos do Português.....	75
5.3.4.1 Epêntese.....	75
5.3.4.2 Ensurdimento de [b] e [g].....	75
5.3.4.3 Redução da seqüência [gw].....	75
5.3.4.4 Adaptação de [v].....	75
5.3.4.5. Adaptações de [l].....	76
5.4 Considerações finais.....	76
Capítulo 6: Procedimentos e resultados da análise acústica das vogais do araweté.....	77
6 Introdução.....	77
6.1 Procedimentos analíticos.....	77
6.2 Considerações finais.....	79
Conclusão.....	80
Referências bibliográficas.....	82
Obras consultadas.....	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos supostos deslocamentos realizados pelos Araweté.....	18
Figura 2 - Localização geográfica atual dos Araweté.....	19
Figura 3 - Pintura facial de Jano hi.....	21
Figura 4 - Jano hi com seu filho Maoritji enfeitados de plumas.....	21
Figura 5 - Índio Araweté com arco e flecha.....	21
Figura 6 - Vestimenta Araweté: pano de cabeça e tipóia.....	22
Figura 7 - Índias carregando seus filhos na tipóia.....	22
Figura 8 - Espremendo a massa da mandioca.....	22
Figura 9 - Preparo do açaí.....	22
Figura 10 - Tecendo uma saia.....	23
Figura 11 - Confeccionando um cesto de palha de milho.....	23
Figura 12 - Mulher carregando o filho, um cesto de mandioca e bucha vegetal.....	23
Figura 13 - Ralando mandioca.....	23
Figura 14 - Gráfico Boxplot dos formantes F1 e F2 de cada uma das cinco vogais orais do Araweté.....	78
Figura 15 - Gráfico de dispersão das vogais do Araweté no espaço F1 e F2.....	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação da família Tupí-Guaraní (Rodrigues e Cabral 2002).....	25
Quadro 2 - Representação fonológica das vogais do Araweté de Leite e Vieira (1998), Zorzetti (1998), Leite et al. (1999), e Solano (2004).....	33
Quadro 3 - Distribuição fonética das consoantes.....	35
Quadro 4 - Distribuição fonológica das consoantes.....	43
Quadro 5 - Comparação entre as propostas de Leite e Viera (1998), Zorzetti (1998), Solano (2004), e Alves (2008) em relação à distribuição alofônica.....	50
Quadro 6 - Distribuição fonética das vogais orais.....	51
Quadro 7 - Distribuição fonológica das vogais orais.....	55
Quadro 8 - Distribuição fonética das vogais nasais.....	59
Quadro 9 - Distribuição fonológica das vogais nasais.....	61
Quadro 10 - Propostas de Leite e Vieira (1998), Zorzetti (1998), Leite et al. (1999), Solano (2004), e Alves (2008) em relação aos fonemas e alofones das vogais Araweté.....	67

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

F - formante

Hz - hertz

PTG - Proto Tupí-Guaraní

LALI - Laboratório de Língua Indígenas

Funai - Fundação Nacional do Índio

Funasa - Fundação Nacional de Saúde

ha - hectare

♀ - feminino

♂ - masculino

RESUMO

Fonética e fonologia da língua Araweté: uma nova contribuição é um estudo sobre a fonologia de uma língua falada por duas comunidades indígenas do sudeste do estado do Pará. A reavaliação e a continuidade de trabalhos anteriores de outros autores é um esforço para aumentar o conhecimento sobre a língua Araweté, com novos elementos e novas contribuições. Após observações introdutórias sobre o povo Araweté, seus possíveis deslocamentos, o seu nome, algumas características culturais, é desenvolvido o estudo lingüístico, composto por cinco capítulos: o primeiro aborda os estudos anteriores, o segundo apresenta o inventário fonético e a interpretação fonológica das consoantes, o terceiro versa sobre as vogais, o quarto trata do acento, do padrão silábico e dos processos fonológicos e, por fim, o quinto aborda a fonética acústica das vogais do Araweté. Após esses capítulos, apresentamos as considerações finais.

Palavras-chave

Línguas Indígenas. Tupí-Guaraní. Língua Araweté. Fonologia.

ABSTRACT

Phonetics and phonology of Araweté language: a new contribution is a study about the phonetics and phonology of the language spoken by two indigenous communities of south-eastern state of Pará (Brazil). Reviewing and giving continuity to previous work of other researchers is an effort for increasing the knowledge about on the Araweté language. After an introduction on the Araweté people, their name, possible displacements and some aspects of their culture, the linguistic study is presented in five chapters: the first reviews the previous studies, the second offers the phonetic inventory and the phonologic interpretation of the consonants, the third deals with the vowels, the fourth discusses the accent, the syllabic pattern and some phonological processes, and the fifth deals with the acoustic phonetics of the vowels. Some final considerations close this dissertation.

keywords

Indigenous Languages. Tupí-Guaraní. Araweté Language. Phonology.

INTRODUÇÃO

0.1 Objetivos

Este estudo faz parte de um projeto mais amplo de pesquisa e de documentação da língua Araweté desenvolvido no Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília (LALI/UnB) desde 1998. Foi neste centro de pesquisa que fui estimulada a estudar e pesquisar a língua Araweté e onde recebi apoio financeiro para realizar a pesquisa de campo em 2006 e desenvolver esta dissertação.

Este trabalho beneficiou-se pelos estudos anteriormente realizados sobre o povo Araweté (Ribeiro 1983, Castro 1986) e sobre sua língua (Soares e Leite 1991, Leite e Vieira 1998, Leite et al. 1999, Zorzetti 1998, Solano 2004, e Cabral e Solano 2006).

Pretendo, aqui, contribuir para um conhecimento mais aprofundado da fonética e fonologia da língua Araweté, utilizando novos dados e pondo em relevo novos tópicos para discussão sobre aspectos fonológicos relevantes tanto para a descrição sincrônica dessa língua, quanto para estudos histórico-comparativos no âmbito da família lingüística Tupí-Guaraní.

0.2 Metodologia e orientação teórica

Os passos metodológicos de descrição lingüística compreenderam coleta, transcrição e análise de dados e sistematização dos resultados. Além dos dados coletados por mim na aldeia Araweté em setembro e outubro de 2006, foi utilizado o material do banco de dados do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI/UnB) coletado por Cabral (1997), Cabral e Rodrigues (1998), Cabral, Rodrigues e Solano (2002), e Solano (2004 e 2006).

Uma parte dos dados utilizados foi gravada em MD (*Sony Portable MiniDisc Recorder MZ-NH700*) e outra em fita *cassete* (*Sony Cassette-Corder TCM-5000*). Os dados usados na análise acústica foram gravados no módulo mono, em uma frequência de 44.100Hz. Foram coletados junto a falantes de diferentes faixas etárias e de ambos os sexos. Os principais colaboradores da pesquisa foram os casais Tjimira (♂ 18 anos) e Ajourõ (♀ 15

anos), Iwane ro (♂ 23 anos) e Iwane hi (♀ 20 anos), e também Jere?e ro (♂ 25 anos), Ikajre (♂ 20 anos), Mojkató hi (♀ 21 anos) e Tapirape (♂ 19 anos)¹.

O estudo orientou-se por princípios teóricos e metodológicos de descrição dos sons dos pontos de vista fisiológico (articulatório) e físico (acústico/auditivo), considerando os fonemas como as menores unidades sonoras funcionais de uma língua, capazes de distinguir significados (Trubetzkoy 1969, Bloomfield 1961, Martinet 1965, e Câmara Jr. 1969 e 1977). Para a análise dos dados, e especificamente sobre a constituição das unidades fonológicas distintas, foram consideradas principalmente as idéias de Chomsky e Halle (1968), Jakobson (1967), e de Jakobson, Fant e Halle (1972).

Os dados gravados em fita cassete (Sony Cassette-Corder TCM 5000) foram digitalizados por meio de gravador profissional Marantz (modelo PMD 671). Como observado por Everett (2006:12), existe sempre alguma perda causada por gravações via MiniDisc, por digitalizações e redigitalizações, no que diz respeito à precisão dos formantes F1 e F2. Contudo, os cuidados reservados ao procedimento da análise tornam confiáveis esses resultados.

A análise acústica das vogais do Araweté foi feita no programa para este fim denominado *Praat*. A análise consistiu na medição dos valores dos formantes F1 e F2.

0.3 Divisão dos capítulos

O capítulo 1 apresenta informações sobre a localização geográfica dos Araweté, sobre aspectos de sua cultura e oferece um panorama geral da situação da escola implantada em uma de suas aldeias. O capítulo 2 considera os estudos lingüísticos anteriores e evidencia as divergências de abordagens entre eles. O capítulos 3 e 4 apresentam, respectivamente, uma proposta de análise da fonética e da fonologia das consoantes e das vogais Araweté. O capítulo 5 trata do acento, padrão silábico e alguns dos processos fonológicos. O capítulo 6, por sua vez, traz os resultados da análise acústica feita através do *software Praat*. Em seguida, são apresentadas as considerações finais.

¹ A idade foi declarada pelos próprios informantes ou é uma estimativa aproximada.

CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 Considerações sobre o povo Araweté

1.1.1 Localização geográfica

Os Araweté localizam-se na região do rio Ipixuna, tributário do médio rio Xingu, numa área que totaliza 940.901 ha dos municípios de Altamira, São Félix do Xingu e Senador José Porfírio.² Muito provavelmente esses índios viveram durante os últimos séculos no interflúvio Xingu-Tocantins, como apontam as informações históricas reunidas em Arnaud (1978), em Müller (1980) e Castro (1986); mas é também o que mostram as semelhanças lingüísticas compartilhadas entre a língua Araweté e as línguas Tupí-Guaraní dessa região e da região adjacente (Tocantins – Mearim) (Solano 2004, Cabral e Solano 2006).

Segundo Arnaud (1978), a partir dos anos 60, caçadores de felinos, vulgarmente denominados “gateiros”, passaram a penetrar mais profundamente na floresta amazônica em busca das cobiçadas peles desses animais, o que tornara o contato com os índios da região inevitável, embora esporádico. Müller (1980) observa que a construção da rodovia Transamazônica, iniciada na década de 70, assim como a expansão da presença de não-índios nessa região da Amazônia e das frentes de atração da Funai intensificou o conhecimento de novos grupos indígenas e os aldeamentos dos mesmos.

Com exceção dos Arara, que pertencem à família Karíb, e dos Kayapó-Xikrín, da família Jê, os demais povos do baixo Xingu foram identificados como sendo de origem Tupí, pertencentes às famílias Jurúna, Mundurukú e Tupí-Guaraní e, entre estes, os Asuriní do Xingu e os Araweté, que foram os últimos a serem contatados (Müller 1980).

Quanto à presença dos Araweté nessa região, Arnaud (1978) aventou que eles poderiam ser remanescentes de algum grupo Tupí da região, situado entre os rios Tocantins e Xingu, dado até então como extinto, ou que teriam se formado a partir de uma cisão ocorrida entre os Urubú-Kaapór. Arnaud baseou esta última hipótese em informação dada por Huxley (1963) e em comunicação pessoal com o sertanista Carvalho em 1977. Este, segundo Arnaud,

²Situação da Terra Indígena = Registrada - (CRI/DPU) (cf. ADMINISTRAÇÃO EXECUTIVA REGIONAL DE ALTAMIRA, http://www.altamirnet.com.br/Funai/estrutura_adm.htm).

afirmava que a fala dos Araweté era mais próxima da dos Urubú-Kaapor do que da de seus vizinhos Asuriní.

Castro (1986) propõe uma reconstrução dos possíveis deslocamentos feitos pelos Araweté e a ordem dos mesmos, como ilustrado pelo mapa abaixo:

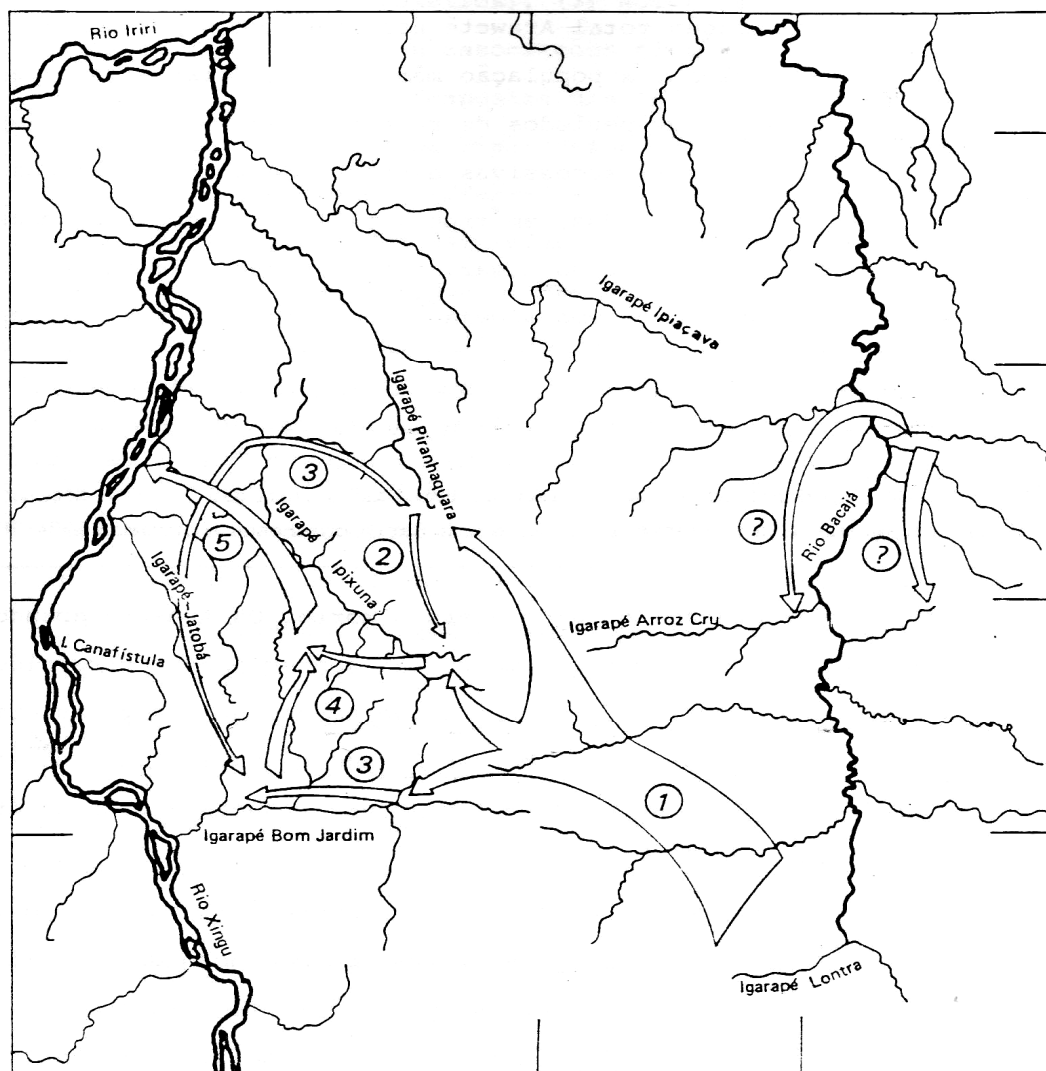


Figura 1 - Mapa dos supostos deslocamentos realizados pelos Araweté.
Fonte: Castro (1986:169)

De acordo com Castro (1986:166-170), os Araweté estariam originariamente situados no rio Bacajá, de onde foram aos poucos se deslocando em direção ao rio Xingu. Diante dessa hipótese e seguindo a cronologia das setas apresentadas no mapa acima, a trajetória traçada por esse autor é a seguinte: na década de 50, por causa dos ataques dos Kayapó, uma parte do grupo Araweté foi para a região dos rios Bom Jardim, Jatobá e Canafístula, outra para o Ipixuna, e uma terceira parte do grupo estabeleceu-se na região do rio Piranhaquara. Por volta de 1960, o grupo do Piranhaquara se dividiu, tendo uma parte se juntado aos que estavam no Bom Jardim, e outra

parte aos que permaneciam no Ipixuna, formando dois grupos. A última fusão teria ocorrido quando o grupo localizado no Bom Jardim, fugindo de um grupo rival, foi juntar-se aos que estavam no Ipixuna³ e lá permaneceu até a atualidade.

O mapa abaixo mostra a atual localização dos Araweté:

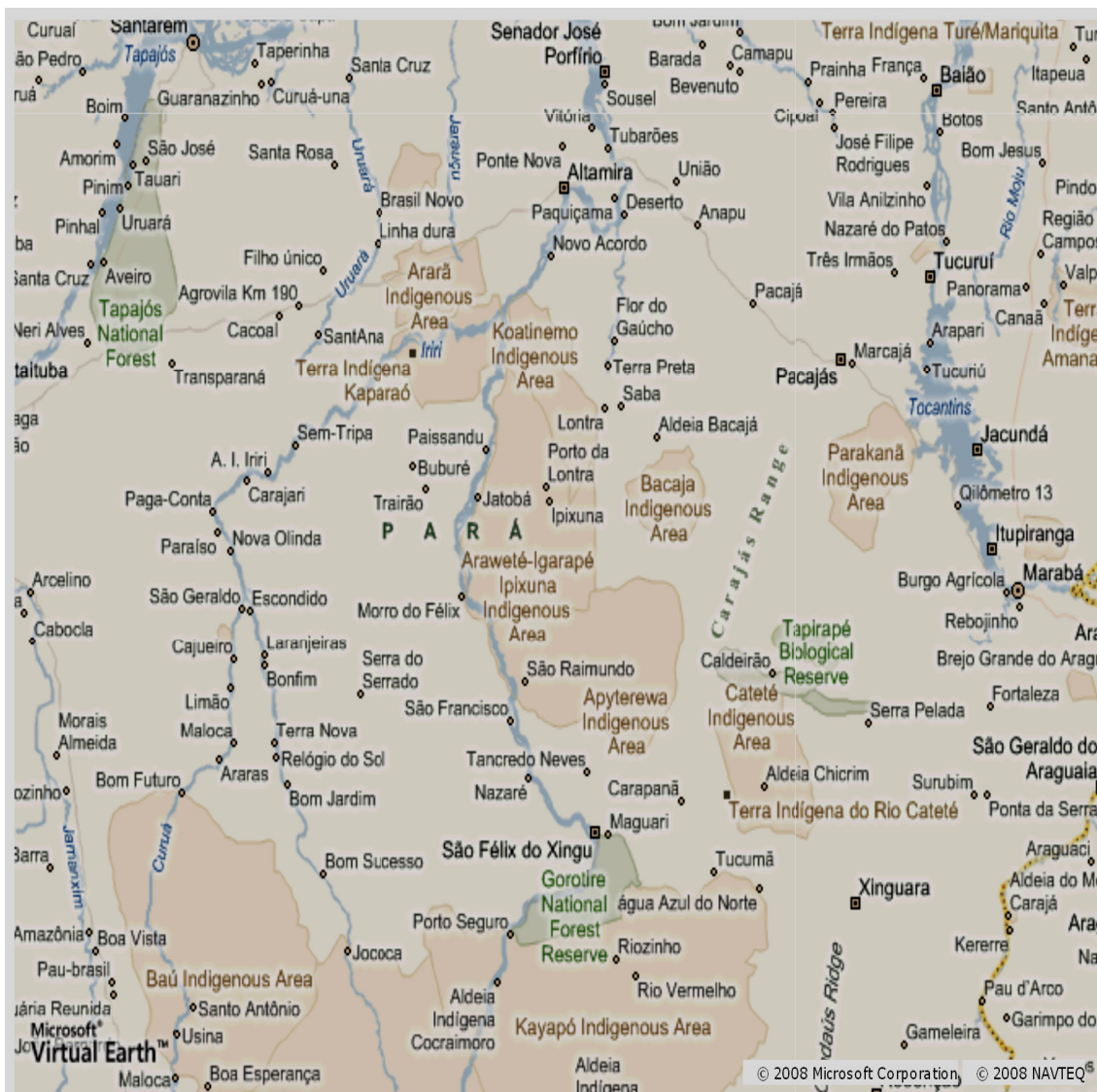


Figura 2 – Localização geográfica atual dos Araweté

Fonte: www.livemaps.com.br

³ De acordo com Castro (1986), quando os Araweté eram nômades, havia um vasto território ocupado por várias aldeias, que estabeleciam alianças no casamento, na guerra e nas festas. Além dos ataques, os Araweté contam que abandonavam suas casas quando alguém morria, criando uma nova aldeia em outro lugar próximo, pois precisavam continuar com as roças já feitas. Ainda segundo esse autor, entre 1945 e 1960, chegaram a existir umas 60 aldeias, cada uma com uma média de 60 indivíduos, e em determinados períodos havia seis ou sete coexistentes.

1.1.2 O etnônimo

Müller (1980) relata que os Asuriní do Xingu chamavam os Araweté de *Ararawa*, que significa ‘aqueles que usam penas de arara ou estão relacionados com esta ave’. Castro (1986) informa que o nome Araweté foi criado pelo sertanista Carvalho, que provavelmente reproduziu mal a expressão /awa ete/ ‘humanos verdadeiros’ utilizada pelos Asuriní. No caso Araweté, a denominação do grupo foi fixada a partir de uma visão externa, pois, segundo Castro, o termo utilizado para *nós* em Araweté é /mide/.

1.1.3 O povo

Em 2006, os Araweté eram 339 pessoas (Funasa 2006)⁴. Há pouco tempo, parte do grupo se separou e se deslocou para uma região próxima da aldeia principal, formando uma nova aldeia.

A mais completa fonte de informações sobre o povo Araweté é a obra de Eduardo Batalha Viveiros de Castro, *Araweté: os deuses canibais* (1986), a qual, além de pesquisa etnológica fornece revisão da literatura precedente.

Segundo esse autor, a sociedade araweté não é caracterizada pela estratificação de segmentos, classes sociais, nem possuem rituais elaborados, ao contrário, não há cerimônias de iniciação, nem de casamento, os funerais são simples, a distribuição das casas parece caótica e a divisão do trabalho é fluida.

⁴ Informação disponível no sítio www.socioambiental.org.



Figura 3 - Pintura facial de Jano hi.



Figura 4 - Jano hi com seu filho Maoritji enfeitados de plumas.

Segundo a comparação feita por Berta Ribeiro (1983, 1984/1985) dos artefatos dos Araweté com os dos Asuriní e os de outros povos Tupí-Guaraní, o trabalho artesanal Araweté é bastante simples, com exceção do chocalho usado pelos xamãs e do vestuário feminino, que é composto por quatro peças: uma saia externa, uma cinta (saia interna), uma tipóia e um pano de cabeça. Ainda segundo Ribeiro, a cinta interna, originalmente, vai da coxa até a vagina e, por ser apertada, limita os movimentos de abertura das pernas, conferindo às mulheres um andar peculiar com passos curtos. Essa saia interna serve para absorver o sangue menstrual e está relacionada à sexualidade feminina e aos tabus sexuais Araweté. Com o acesso mais fácil à cidade de Altamira, essa saia não está sendo mais trançada conforme a tradição Araweté e vem sendo substituída por uma de tecido industrializado usada como uma espécie de anágua.



Figura 5 - Índio Araweté com arco e flecha.



Figura 6 - Vestimenta Araweté: pano de cabeça e tipóia.



Figura 7 - Índias carregando seus filhos na tipóia.

1.1.4 Subsistência

Castro (1986:150-151) observa que a base da subsistência Araweté é a agricultura e, diferentemente do que se dá com os demais povos Tupí-Guaraní, o consumo do milho se sobrepõe ao da mandioca. Os Araweté também cultivam outros produtos como abacaxi, abóbora, algodão, banana, batata doce, cará, mamão, tabaco, urucum; coletam mel e vários frutos regionais, dentre os quais açaí, bacaba, castanha do Pará, cupuaçu, cajá, ingá, bacuri, coco babaçu (também usado para dar liga ao urucum) etc.



Figura 8 - Espremendo a massa da mandioca.



Figura 9 - Preparo do açaí.



Figura 10 - Tecendo uma saia.



Figura 11 - Confeccionando um cesto de palha de milho.



Figura 12 - Mulher carregando um de seus filhos, um cesto de mandioca e bucha vegetal.



Figura 13 - Ralando mandioca.

1.1.5 Educação escolar

Existem na aldeia uma casa da Funai, duas casas de missionários, uma farmácia e uma escola. A escola está subordinada à secretaria de educação do Município de Altamira. O único não-índio fluente na língua Araweté que mora na aldeia é uma das professoras, que também é missionária. Embora haja interesse por parte das professoras em desenvolver o ensino na língua materna dos índios, o ensino é feito também em Português.

Durante o período de minha pesquisa de campo, observei que as turmas são divididas por sexo e por faixa etária e que apenas os jovens⁵ vão à escola. Todos os alunos estavam em nível de alfabetização, independentemente da idade. As aulas tinham em média duas horas de duração e ocorriam na parte da manhã.

1.2 Considerações lingüísticas sobre o Araweté

1.2.1 Classificação da língua Araweté dentro da família Tupí-Guaraní

Na classificação interna do Proto Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues em 1984/1985, a língua Araweté pertenceria ao ramo V, junto com o Asuriní do Xingu (também chamado de Asuriní do Coatinemo) e com o Kayabí. Os critérios usados por esse autor foram principalmente fonológicos, pois na época os dados do Araweté eram ainda muito reduzidos.

Em 2002, Rodrigues e Cabral fizeram uma revisão da classificação interna de 1984/1985, reformulando alguns critérios e adicionando outros critérios fonológicos e gramaticais, com base em novas pesquisas e análises de dados sobre línguas não incluídas na proposta anterior, como o Ararandewára-Amanajé, o Anambé do Cairarí e o Jo'é (Zo'é), e de novos dados sobre variedades de línguas consideradas na proposta de 1984/1985, como o Tembé e o Emérrillon. Essa revisão feita por Rodrigues e Cabral foi relevante, entre outros aspectos, por ter identificado que as línguas Araweté, Ararandewára-Amanajé e Anambé do Cairarí compartilhavam traços fonológicos e gramaticais semelhantes aos do Asuriní do Xingu, e que, portanto, pertenceriam ao mesmo ramo V, enquanto que o Kayabí faria parte do ramo IV, juntamente com o Apiaká, o Parintintín, o Juma e as variedades do Tupí-Kawahíb.

Veja abaixo:

⁵ A ida à escola se dá, geralmente, até o nascimento do primeiro filho.

Quadro1 - Classificação da família Tupí-Guaraní (Rodrigues e Cabral 2002):

Ramo I	Guaraní Antigo Kaiwá (Kayová, Pãí), Ñandeva (Txiripá), Guaraní Paraguaio, Mbyá Xetá (Serra dos Dourados) Tapieté, Chiriguano (Ava), Izoceño (Chané) Guayakí (Aché)
Ramo II	Guarayo (Guarayú) Sirionó, Horá (Jorá) Yúki
Ramo III	Tupí, Língua Geral Paulista (Tupí Austral) Tupinambá, Língua Geral Amazônica (Nhe'engatú)
Ramo IV	Tapirapé Asuriní do Tocantins, Parakanã, Suruí (Mujetire) ⁶ Avá-Canoeiro Tembé, Guajajara, Turiwára
Ramo V	Araweté ⁷ , Ararandewára-Amanajé, Anambé do Cairari Asuriní do Xingu
Ramo VI	Kayabí Apiaká Parintintín (Kagwahíb), Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, Uruewauwau, Amondáva, Karipúna etc.) Juma
Ramo VII	Kamayurá
Ramo VIII	Wayampí (Oyampí), Wayampípukú Emérillon Jo'é Urubu-Ka'apór Anambé de Ehrenreich Guajá Awré e Awrá Takunhapé

⁶ Também denominado de Aikewara.

⁷ Destaque meu.

1.3 Considerações finais

Neste estudo apresentamos uma análise fonêmica da Língua Araweté, pertencente ao subconjunto V da família Tupí-Guaraní, como demonstrado em Rodrigues (1984/1985), em Rodrigues e Cabral (2002), em Solano (2004), e em Cabral e Solano (2006).

CAPÍTULO 2: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE A FONOLOGIA DA LÍNGUA ARAWETÉ

2 Introdução

Neste capítulo, apresentamos uma síntese dos trabalhos existentes sobre a fonologia da língua Araweté, em que são ressaltadas as diferentes contribuições já realizadas para o conhecimento dessa língua e a contribuição do presente trabalho.

2.1 Estudos sincrônicos e diacrônicos

Dados lingüísticos do Araweté foram considerados pela primeira vez por Rodrigues (1984/1985)⁸ e por Castro (1986), este último, apresentou um primeiro panorama dos sons consonantais e vocálicos dessa língua e mostrou a correspondência fonética dos sons do Araweté aos de línguas como o Português e o Inglês, observando que os sons [p], [b], [m], [n], [ɲ] são pronunciados como em Português; o som [k] é pronunciado como na palavra *casa*; [t] como na palavra *tudo*, mesmo diante de [i]; [ç] como *tch* do português, como na palavra *tio* do falar carioca; [r] é um flepe alveolar fricativizado; o [ð] é pronunciado como *th* do inglês como na palavra *that*; [d], [y], [w], [h] são pronunciados como em Inglês, respectivamente, como em *body*, *yes*, *work*, *home*. Esse autor registrou também a oclusiva glotal, que foi por ele representada por espaço entre duas vogais. Identificou os seguintes sons vocálicos: [a], [e], [i], [ɨ], [ĩ], mostrando que a pronúncia deste último é como o *i* da palavra *bit* do Inglês, e que [u] se pronuncia como o *u* de *but* desta mesma língua. Observou, ainda, que “todas as vogais orais podem ser nasalizadas”.

Em 1982, Leite havia formulado nove regras fonológicas relativas a mudanças vocálicas no Tapirapé, no Asuriní e no Guajajára, todas da família Tupí-Guaraní, e, em trabalho posterior (Soares e Leite 1991), incluiu o Araweté nos estudos sobre essas mudanças. Soares e Leite reviram a ordenação de regras proposta por Leite e apresentam as mudanças

⁸ Os dados lingüísticos do Araweté considerados por Rodrigues (1984-1985) consistem em palavras isoladas e frases coletadas por Carl Harrison junto a um adulto do sexo masculino.

vocálicas ocorridas nessas línguas como decorrentes de tendências internas de um estágio anterior do agrupamento Tupí, para o qual defendem a idéia de um sistema com uma só vogal posterior arredondada. Para essas autoras, as mudanças no Araweté de $u > i$ (regra 11), $o > ə$ (regra 12), $i > ə$ (regra 13) são caracterizadas como regras sincrônicas que dão conta da flutuação entre $[u \sim i]$, $[o \sim ə]$ e $[i \sim ə]$.

Elas acrescentam:

It rather seems that the mechanism proposed by Leite for measuring degrees of genetic affinity is circular: the proof of close relationship lies in the greater participation in a set of extrinsically ordered rules, and the rules are ordered the way they are to prove the relationship. This circularity weakens the push-chain explanation (Soares e Leite 1991: 43).

Leite e Vieira (1998) apresentaram um estudo de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do Araweté, incluindo os resultados de uma abordagem dos sons em uma perspectiva sincrônica, mas ao mesmo tempo com uma preocupação diacrônica, de forma que foram propostos fonemas e respectivos alofones como resultantes de mudanças ocorridas na história da língua. Nesse estudo, essas autoras propuseram os seguintes fonemas consonantais /p, t, tʃ, k, n, r, w, j, h/ e mostraram as principais tendências de modificação destes sons, tendo como referência o sistema de consoantes do Proto Tupí-Guaraní. As mudanças identificadas pelas autoras são as seguintes:

- *pj > tʃ: *epjak > etʃã “ver”
- *pw > p: *puã > pã “dedo”; ko-pwer (tup.) > kape “capoeira”
- *t > tʃ diante de *i: *kwatiar > kytʃã “pintar”; *kwati > katʃi “coati”
- *k > tʃ: diante de /i/ e /e/ *ker > tʃe “dormir”; *akaŋ > atʃi “cabeça”
- *kw > k: *kuaracy > kuarahi “sol”
- *kw > tʃ diante de e ou i: ok-wer (tup.) > a tʃe “casa velha”
- *c > h: *pycyk > pihi “pegar”
- *j > j em posição de coda silábica em final de palavra; [j] ~ [dʒ] ~ [ɲ] em onset silábico em início de palavra; [ɲ] em ambiente de vogal nasal.
- *b > u: *ebek > ewe “barriga”

Conforme Leite e Vieira, as consoantes finais, com exceção de *j, foram canceladas, a oclusão glotal perdeu seu caráter distintivo e o fonema /r/ ocorre em posição inicial e em ambiente de /ə/ como um flepe alveolar fricativizado, como uma fricativa dental sonora ou

como uma oclusiva alveolar. Também registram que o som [b] tem apenas uma ocorrência: na palavra [biðe], autodesignação do grupo.

Quanto às vogais, essas autoras mostraram, de acordo com a reconstrução das vogais do PTG feita por Lemle (1971), as seguintes correspondências:

- *a > ɪ / C nasal #: *akaŋ > atʃɪ “cabeça”
- *a > ɛ̃ / C#: *kāj “queimar”; *epyak > etʃɛ̃ “ver”
- *a > ɛ̃ / em sílaba final acentuada: *tata > tatɛ̃ “fogo”
- *a > a / nos demais ambientes: *abati > awatə “milho”
- *y > i / *pype > pipe “dentro”; *py’a > piã “fígado” *yb > i “árvore”
- *i > ə / principalmente em ambiente de *r: *pira > pɛrɛ̃ “peixe”; *pir > pɛə “pele”
- *i > i / nos demais ambientes: *íta > ita “pedra”;
- *o > a / em sílaba final de vocábulo e em penúltima sílaba precedendo *o: *pepo > pepa “asa”; *ok > a “casa”; *o’o > haa “carne”
- *o > u ~ o ~ ə ~ y nos demais ambientes

Fizeram, ainda, as seguintes considerações:

Devido ao cancelamento das consoantes finais, que acarreta o contraste em posição final de palavra entre vogal oral, vogal nasal e vogal seguida de consoante nasal e a inexistência de consoantes oclusivas pré-nasalizadas, fatos que justificavam a postulação de vogais nasais fonêmicas, o traço de nasalidade nas vogais deixa de ter um valor distintivo e as vogais nasalizadas podem ser representadas pela seqüência **Vn**.

O fonema africado palatal deriva das modificações ocorrentes com *pj, *ti, *ki, *ky, *ke, *kwe e *kwi como se pode verificar acima. A representação das variantes [ə] ~ [ɪ] por /ə/ e a variação [u] ~ [o] ~ [ə] ~ [y] por /y/ capta a simetria do sistema e a perda de distintividade do traço [arredondado], mudança privativa do Araweté, foneticamente motivada pela natureza em geral pouco arredondada das vogais posteriores das línguas Tupí-Guaraní (cf. Soares e Leite 1991). Assim, a oposição entre as vogais passa a ser feita em termos da anterioridade positiva ou negativa e o arredondamento, distintivo nas outras línguas da família, se torna um traço redundante.

A existência de pares mínimos como [hepi] “meu pé”: [hepə] “minha pele”: [hepe] “meu caminho”: [hepa] “minha mão”: [iwity] “vento”: [iwiti] “morro”: [awatə] “milho” constitui evidência de que [ə] tem um estatuto fonêmico. Há, aparentemente, um debordamento entre o alofone [ə] de /y/ e o de /ə/. A diferença é que, no primeiro caso, existe a alternância [y], [o], [u] e [ə] e a realização do alofone [ə] é menos breve do que a realização do [ə] do fonema /ə/. (Leite e Vieira 1998:10)

Em estudo posterior, Leite et al. (1999) observaram que, na perspectiva adotada por Viera e Leite (1998), as representações de /ə/ [ɪ] ~ [ə] e de /y/ [u] ~ [o] ~ [y] ~ [ə] apresentam problemas, pois o fone [ə] ora é uma manifestação do fonema /y/, ora do fonema /ə/. Observam, ainda que “Leite e Vieira contornaram, de maneira pouco ortodoxa, esse

problema, dizendo que [ə] deve ser representado com /y/ quando for possível a alternância [u ~ o ~ y ~ ə]. E como /ə/, quando essa alternância não existir.”

Leite et al. (1999), pautados na necessidade de que uma representação fonológica deve ter um conteúdo fonético, fundamentaram nova proposta de análise da representação fonológica das vogais do Araweté utilizando análise acústica. A análise dos dados foi feita por meio do programa *SoundScope* 16, com a identificação dos valores dos formantes F1 e F2 das vogais analisadas, sendo posteriormente plotados em gráficos, de forma a permitir a visualização do campo acústico. Fundamentados nesses resultados, esses autores propuseram que a representação mais apropriada para as vogais do Araweté é: /i, e, y [ɪ, ə, y], o [y, ə, u, o], a/.

Um outro estudo de natureza fonológica sobre o Araweté foi realizado por Zorzetti (1998). Trata-se de um trabalho de conclusão de curso de graduação, no qual a autora propôs o seguinte inventário fonêmico para o Araweté: /p/, /t/ [ts] ~ [t], /k/, /ʔ/, /d/ [dz] ~ [d], /tʃ/, /β/, /h/, /m/, /n/, /ɲ/, /r/, /w/, /y/, e as seguintes vogais: /i/, /e/ [ɛ] ~ [e], /i/ [ə] ~ [i], /a/ [ʌ] ~ [a], /u/ [o] ~ [u], com suas contrapartidas nasais.

Solano (2004), em sua dissertação de mestrado, desenvolveu uma comparação de aspectos lexicais, fonológicos e gramaticais do Araweté com o Asuriní do Xingu e com o Wayampí, considerando as reconstruções lexicais, fonológicas e gramaticais propostas para o PTG por Lemle (1971), Rodrigues (1984/1985) e Jensen (1990). Nesse estudo, Solano descreveu para o Araweté os fonemas consonantais /p/ [ɸ] ~ [p], /t/ [ts] ~ [tj] ~ [t], /d/, /tʃ/, /k/, /ʔ/, /m/, /n/, /ɲ/ [ɲ] ~ [ɲ], /w/ [β] ~ [w], /r/, /j/ [dʒ] ~ [j] e os fonemas vocálicos /i/ [ɪ] ~ [i], /e/ [ɛ] ~ [e], /i/ [ə] ~ [i], /a/, /u/ [ə] ~ [u] ~ [u] ~ [u] ~ [o] e os fonemas vocálicos nasais /ĩ/, /ẽ/, /ĩ/, /ã/, /ũ/ [ũ] ~ [õ].

Com base nessa descrição, comparou 202 dados lexicais do Araweté com dados cognatos do Wayampí e do Asuriní do Xingu, mostrando em que traços fonológicos o Araweté se aproxima ou se diferencia de uma e de outra língua. Os resultados dessa comparação de natureza fonológica mostram que o Araweté aproxima-se mais do Asuriní do Xingu, contribuindo, dessa forma com fundamentos adicionais para a hipótese de Rodrigues (1984/1985) de que o Araweté pertence ao ramo V da família Tupí-Guaraní.

Os resultados da comparação desenvolvida pela autora mostram que, dentre os traços que aproximam mais o Araweté do Wayampí, destaca-se a perda de consoantes finais ocorrida no Araweté e nas duas das variedades do Wayampí (a variedade falada no alto Jarí, no Brasil, e a variedade falada na Guiana Francesa). Entretanto, Solano ponderou que a perda de consoantes finais nas línguas de certos ramos Tupí-Guaraní não deve ser considerada como

um critério forte para medir o grau de proximidade genética entre elas, uma vez que o próprio Wayampí ainda mantinha consoantes finais no final do século XIX, como atestado por Coudreau (1892).

A autora demonstrou ainda que a presença de um fonema **h** no Araweté é um reflexo dos sons ***ts** e ***tʃ** do PTG, e é um dos traços que diferenciam essa língua tanto do Wayampí quanto do Asuriní do Xingu, uma vez que nessas duas os reflexos daqueles dois sons são zero.

Solano mostrou que os traços que aproximam o Araweté do Asuriní do Xingu e que o distanciam do Wayampí são os reflexos do PTG ***p^w**, ***p^j**, ***ã**, ***áŋ**, ***o**, ***u**. No Asuriní do Xingu e no Araweté manteve-se o traço labial da consoante nos reflexos do PTG ***p^w**, embora no Asuriní do Xingu a mudança tenha se dado de ***p^w** para **ɸ** e no Araweté de ***p^w** para **p**, enquanto que no Wayampí os reflexos do PTG ***p^w** são **k^w** e **p**. Ainda segundo Solano (2004), o Araweté também combina com o Asuriní do Xingu no que diz respeito aos reflexos do PTG ***p^j**, uma vez que as duas línguas têm **tʃ** como reflexo deste som. Solano mostrou que o Asuriní do Xingu mudou o PTG ***ã** e o PTG ***á** seguido de **ŋ** em **ĩ**, enquanto no Araweté o reflexo desses sons é **ĩ**, mas que a mudança do PTG ***ã** e do PTG ***á** seguido de **ŋ** passou por um estágio intermediário **ĩ** que coincide com os reflexos do PTG ***ã** e do PTG ***á** do Asuriní do Xingu na atualidade. A autora demonstrou também que nas duas línguas algumas ocorrências do PTG ***u** pré-tônico mudaram em **i**, outras se fundiram com os antigos reflexos do PTG ***o** pré-tônico, e todas as ocorrências do PTG ***o** em sílabas acentuadas mudaram em **a**.

Finalmente, a mesma autora apresenta os traços fonológicos que diferenciam o Araweté do Asuriní do Xingu e do Wayampí. Enquanto o Asuriní do Xingu e o Wayampí mantiveram **i**, **ĩ**, **í** e **ĩ** respectivamente como reflexos do PTG ***i**, ***ĩ**, ***í** e ***ĩ**, o Araweté mudou ***i** em **i**, ***í** em **i**, ***ĩ** em **ĩ**, e ***ĩ** em **ĩ**.

2.2 Considerações sobre pontos divergentes dos estudos anteriores

Alguns dos pontos divergentes entre os estudos anteriores sobre a língua Araweté dizem respeito aos fonemas consonantais e vocálicos relacionados abaixo:

- O fone [b]

Leite e Vieira (1998) e Solano (2004) observaram que esse som foi encontrado em um único vocábulo [biðe]. Solano (2004) registrou alternância entre [biðɛ] e [miðɛ], considerando-o, por isso, como alofone de /m/.

- O fonema /t/

Leite e Vieira (1998) postularam uma única realização [t] para o fonema /t/, enquanto Zorzetti (1998) identificou os alofones [t] e [ts], e Solano (2004) descreveu os alofones [t], [ts] e [tj].

- O fonema /d/

Foi considerado alofone do fonema /r/ por Leite e Vieira (1998), mas foi interpretado como um fonema distinto por Zorzetti (1998) (em variação com [dz]) e em Solano (2004).

- O fone [β]

Zorzetti (1998) é a única autora que descreveu um fonema /β/ para o Araweté, sendo que para Solano (2004) [β] é alofone do fonema /w/, em variação livre com [w]. Nos demais autores não há menção a esse som.

- O fonema /r/

Segundo Leite e Vieira (1998), [d], [ð] e [r] são realizações de /r/, em início de palavra e contíguos a [ə]. Zorzetti (1998) descreveu [d] e [dz] como alofones de /d/ e [r] como realização fonética de /r/. Para Solano, /r/ tem a realização fonética [r] e /d/ a realização [d].

- O fonema /j/

A semivogal /j/ foi tratada por Leite e Viera (1998) como tendo os alofones [dʒ], [ɲ] e [j] em início de palavra, [ɲ] em ambiente nasal e [j] em final de sílaba. Solano (2004) descreveu os alofones [dʒ] e [j] do fonema oral /j/, quando este se encontra diante de vogais não-altas, mas [ɲ] e [j̃] como realizações do fonema nasal /ɲ/.

- O fonema /i/

Solano (2004) postulou dois alofones para esses fonemas [ɪ] e [i], enquanto os demais autores registraram só a realização [i].

- O Fonema /e/
Em Zorzetti (1998) e em Solano (2004), o fonema /e/ tem como alofones [ɛ] e [e], em contraste com os outros autores, que só registraram [e].
- O fonema /a/
Zorzetti (1998) registrou para o fonema /a/ um alofone [ʌ], que não foi observado por nenhum outro autor.
- O fonema /i/
Em Leite e Vieira (1998), os alofones de /i/ foram descritos como sendo [u], [o], [ə], [i], mas em Leite et al. (1999) os alofones de /i/ são [ɪ], [ə] e [i], ao passo que em Zorzetti (1998) e em Solano (2004) os alofones desse fonema são [ə] e [i].
- O fonema /o/
Para Leite et al. (1999) [u] e [o] são alofones do fonema /o/ e não do fonema /i/. Solano (2004) descreveu um fonema /u/ para o Araweté, postulando os seguintes alofones: [ɜ], [ʉ], [ʊ], [u] e [o].

Quadro 2 – Representação fonológica das vogais do Araweté e seus respectivos alofones, de acordo com Leite e Vieira (1998), Zorzetti (1998), Leite et al. (1999), e Solano (2004).

	Central	Posterior
Leite e Vieira (1998)	/ə/ [ɪ], [ə]	/i/ [y] [ə] [u] [o] ⁹
Zorzetti (1998)	/i/ [ə] [i]	/u/ [o] [u]
Leite et al. (1999)	/i/ [ɪ], [ə] [i]	/o/ [u], [o], [ə], [i]
Solano (2004)	/i/ [ə], [i]	/u/ [ɜ], [ʉ], [ʊ], [o], [u].

⁹ Para Leite e Vieira (1998:2-3), as vogais posteriores das línguas da família Tupí-Guaraní são de “natureza” pouco arredondadas, o que as leva a concluir que “A representação das variantes [ə] ~ [ɪ] por /ə/ e a variação [u] ~ [o] ~ [ə] ~ [y]⁴ por /y/ capta a simetria do sistema e a perda de distintividade do traço [arredondado], mudança privativa do Araweté” Ainda segundo Leite e Vieira, “... a oposição entre as vogais passa a ser feita em termos da anterioridade positiva ou negativa e o arredondamento, distintivo nas outras línguas da família, se torna um traço redundante.”

Note-se que, embora Leite et al. (1999) postulem um contraste entre /o/ e /i/, consideram que ambos têm um alofone [i], o que aproxima esta análise a de Leite e Vieira (1998), na qual [ə] é alofone de /ə/ e de /i/. Nas duas análises também são postulados alofones centrais para a vogal posterior do Araweté.

2.3 Considerações finais

Identificamos 12 fonemas consonantais em Araweté: /p/, /t/, /d/, /tʃ/, /k/, /ʔ/, /m/, /n/, /w/, /r/, /j/, /h/. Um dos princípios básicos para o reconhecimento de unidades fonológicas distintas é a oposição entre fonemas, que exclui a existência de sobreposição parcial entre dois ou mais fonemas (problema presente nas análises das vogais por Leite e Vieira 1998 e por Leite et al. 1999).

CAPÍTULO 3: FONÉTICA E FONOLOGIA DAS CONSOANTES ARAWETÉ

3 Introdução

Nesta parte, são apresentados os sons consonantais do Araweté, seus ambientes de ocorrência, a oposição entre os fonemas e a distribuição alofônica presente na língua.

3.1 Descrição fonética das consoantes Araweté

Quadro 3 – Distribuição fonética das consoantes

	Bilabiais	Dentais ou Alveolares	Alveopalatais	Palatais	Velares	Glotais
Oclusivas						
Surdas	p	t t ^ʃ			k	ʔ
Sonoras	b	d d ^ʃ				
Africadas						
Surdas		ts	tʃ tʃ ^ʃ			
Sonoras		d ^z	dʒ			
Nasais						
Sonoras	m	n		ɲ ɲ ^ʃ		
Fricativas						
Surdas						h
Sonoras	β	ð				
Tepes						
Sonoros		r				
Aproximantes orais	w			j		
Aproximantes Nasalizadas				ɰ		

3.1.1 Descrição dos ambientes de ocorrência das consoantes

[p] oclusiva bilabial surda, ocorre no início de sílabas diante de vogal.

[pɨ'a] 'chineló'

[pɛ'tĩ] 'cigarro'

[ipe'kũ] 'pica-pau'

[pɨ'dã] 'peixe'

[pa] 'mão'

[ira'pã] 'arco'

[pa'pũ] 'papai'

[pu'tã] 'gostar'

[b] oclusiva bilabial sonora, ocorre em uma única palavra.

[bɨ'dɛ] 'nós'

[t] oclusiva dental surda, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[tate'tu] 'caititu'

[ako'ti] 'cotia'

[tato'i] 'tatuzinho'

[pi'tã] 'calcanhar'

[tu'pe] 'esteira'

[i'tu] 'cachoeira'

[tʰ] oclusiva dental surda palatalizada, ocorre no início de sílaba antes de vogal anterior.

[tʰime'ʔɛ] 'bonito'

[ipo'tʰi] 'flor'

[**d**] oclusiva alveolar sonora, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[ma₄detʃã'kã] 'pajé'

[dĩ'ma] 'linha de pescar'

[a₄dido'pi] 'nuca'

[idaʔi] 'passarinho'

[idõ'hĩ] 'frio'

[**dʲ**] oclusiva alveolar sonora palatalizada, ocorre em início de sílaba antes de vogal.

[ðad¹o'βĩ] 'nós abraçamos'

[**k**] oclusiva velar surda, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[kama'rã] 'homem branco, não-índio'

[aka'dzu] 'caju'

[ju'kã] 'matar'

[kume'ʔe] 'homem'

[u₄ruku'ku] 'surucucu'

[iri'kũ] 'urucum'

[kopi'ʔi] 'cupim'

[**ʔ**] oclusiva glotal, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[o'ʔi] 'flecha'

[nã'ʔẽ] 'panela de barro'

[nẽ'ʔẽ] 'falar'

[tapi'ʔi] 'anta'

[haʔa'pe] 'foi carne'

[ʔu] 'coxa'

[ts] africada alveolar surda, ocorre no início de sílaba diante de vogal central alta oral ou nasal.

[na'tsi] 'jabuti'

[po'tsi] 'fezes'

[iβã'tsĩ] 'nuvem'

[ɲa'tsi] 'jabuti'

[ɲatsĩ'ʔũ] 'carapanã'

[dʒ] africada alveolar sonora, ocorre no início de sílaba antes de vogal anterior alta ou central.

[a.dʒini'βo] 'eu cuspi'

[dʒ'i'ti] 'batata doce'

[dʒ'a'pa] 'ovo'

[dʒ'a'tʃɛ] 'chifre'

[dʒ'a'jβe] 'sêmen'

[tʃ] africada alveopalatal surda, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[atʃi'tʃi] 'macaco guariba'

[tʃĩ'ɲã] 'colar'

[tʃitʃɛ] 'faca'

[tʃɛ] 'dormir'

[atʃa'i] 'açai'

[ku'tʃã] 'escrever'

[tʃʲ] africada alveopalatal surda palatalizada, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[atʃʲa'i] 'açai'

[ku'tʃʲã] 'escrever'

[**dʒ**] africada alveopalatal sonora, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[dʒiɛ'tɛ] 'machado'
 [padʒi'dʒi] 'banana'
 [here,midʒi'ka] 'minha esposa'
 [dʒaka'mĩ] 'jacamim'
 [mara,kadʒa'ʔi] 'gato do mato'
 [te'dʒu] 'calango'
 [dʒɣ'rɣ] 'boca'

[**m**] nasal bilabial sonora, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[mi'tũ] 'mutum'
 [jaka'mĩ] 'jacamim'
 [me'jɣ] 'beiju'
 [hera'mi] 'minha orelha'
 [maj] 'cobra'
 [amã'mãj] 'capim'
 [mũ'mũ] 'mamão'

[**n**] nasal alveolar sonora, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[ani'rã] 'morcego'
 [nĩ] 'castanha'
 [kadĩ'ne] 'arara'
 [natã'ʔi] 'babaçu'
 [te'nã] 'banco'
 [kunɣ'mĩ] 'bebê'
 [e'nu] 'escute!'

[ŋ] nasal alveopalatal sonora, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[ko'ŋĩ] 'mulher'

[ŋetʃe're] 'jacaré'

[akã'ŋõ] 'cajá'

[ŋã] 'onça'

[inã'ŋã] 'inajá'

[ŋoĩ] 'rã'

[ŋʲ] nasal alveopalatal sonora palatalizada, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[ŋʲetʃe're] 'jacaré'

[ŋʲa'no] 'aranha'

[ŋʲa'hita'tã] 'estrela'

[ŋʲa'tsi] 'jabuti'

[akã'ŋʲã] 'cajá'

[β] fricativa bilabial sonora, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[i'βi] 'chão'

[iβi'rã] 'pau, árvore'

[hoβĩhã] 'grande'

[jaβe'βi] 'arraia'

[i'βã] 'céu'

[hɛni'βã] 'meu bigode'

[iri'βu] 'urubu'

[ð] fricativa interdental sonora, ocorre no início de sílaba diante de vogal.

[ði'ti] 'batata doce'

[ðini'βo] 'cuspe'
 [aðini'βo] 'eu cuspi'
 [maðetʃã'kã] 'pajé'
 [ðatʃe] 'chifre'
 [ða'pa] 'ovo'

[h] fricativa glotal surda, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[kara'hi] 'sol'
 [he'hi] 'minha mãe'
 [heβo'ʔi] 'minhoca'
 [ha'wã] 'rabo'
 [a,rapũ'hã] 'veado'
 [hoβi'hã] 'grande'
 [ka,raɾu'hui] 'paca'
 [iwa'ho] 'mel'

[r] tepe alveolar sonoro, ocorre no início de sílaba antes de vogal.

[ne're] 'para você'
 [mara,kaɖza'ʔi] 'gato do mato'
 [a'rã] 'arara'
 [udza'rã] 'ele briga'
 [iru'pẽ] 'peneira'
 [me'ru] 'mosca'
 [iri'kũ] 'urucum'

[w] aproximante bilabial sonora oral, ocorre no início de sílaba diante de vogal.

[iwi'tʃi] 'piolho'

[iwi'rã] 'pau, árvore'
 [pa'wĩ] 'muitos'
 [jawe'wi] 'arraia'
 [kaʔana'we] 'folha de mato'
 [awa'ti] 'milho'
 [i'wã] 'céu'

[j] aproximante palatal sonora oral, ocorre diante de vogal oral e no final de síbala.

[jie'te] 'machado'
 [jeni'pã] 'jenipapo'
 [ja'kw] 'jacu'
 [ajuuru'e] 'abelha'
 [mini'jv] 'algodão'
 [maj] 'cobra'
 [dʒaj'βe] 'sêmen'
 [aj'βe] 'em casa'
 [he'aj] 'minha casa'

[j̃] aproximante palatal nasalizada, ocorre após vogal nasal.

[maɾakõj̃õ] 'cachorro'
 [amã'mãj̃] 'capim'
 [tu'pãj̃] 'roupa'
 [hera'mũj̃] 'meu avô'

3.2 Descrição fonológica das consoantes

Quadro 4 – Distribuição fonológica das consoantes

	Bilabiais	Alveolares		Alveopalatais	Velares	Glotaís
Obstruintes	/p/	/t/	/d/	/tʃ/	/k/	/ʔ/
Nasais	/m/	/n/				
Fricativas						/h/
Aproximantes	/w/	/r/		/j/		

3.2.1 Contraste entre fonemas consonantais

A seguir, apresenta-se uma lista de pares mínimos para ilustrar a oposição entre os segmentos definidos no quadro anterior, demonstrando que são unidades distintivas de significado. Mesmo aqueles dados que contrastam em pares análogos são suficientes para tal propósito. Para maior clareza, as palavras nesta seção são apresentadas nas formas fonológica e fonética.

/p/ : /w/

/opa/ [u'pã] 'ele acabou'

/rowa/ [ru'wã] 'rosto'

/tapekô/ [tapɛ'kô] 'abano'

/tawerĩ/ [tawɛ'rĩ] 'boneca'

/t/ : /d/

/íta/ [i'tã] 'pedra'

/pida/ [pɪ'dã] 'peixe'

/tĩ/ [tĩ] 'branco'

/pidi/ [pɪ'dĩ] 'vermelho'

/p/ : /m/

/pide/ [pɪ'dɛ] 'pele'

/mide/ [mɪ'dɛ] 'nós'

/pitõ/ [pi'tõ] 'noite'

/mi'tõ/ [mi'tũ] 'mutum'

t/ : /n/

/tanĩ/ [ta'nĩ] 'borboleta'

/nanĩ/ [na'nĩ] 'abacaxi'

/kapite/ [kapi'te] 'roça'

/kadine/ [kadi'ne] 'arara'

/d/ : /n/

/pida/ [pi'dã] 'peixe'

/tena/ [te'nã] 'banco'

/m/ : /n/

/mĩ/ [mĩ] 'acordar'

/nĩ/ [nĩ] 'castanha'

/amira/ [ami'rã] 'mão de pilão'

/anira/ [ani'rã] 'morcego'

/t/ : /r/

/ata/ [a'tã] 'andar'

/ara/ [a'rã] 'arara'

/tata/ [ta'tã] 'fogo'

/kara/ [ka'rã] 'cará'

/t/ : /j/

/tateto/ [tate'tu] 'caititu'

/jatewo/ [jate'βu] 'carrapato'

/d/ : /r/

/madetʃaka/ [ma'detʃãkã] 'pajé'

/eretʃa/ [ere'tʃã] 'você vê'

/tʃ/ : /t/

/tʃĩ/ [tʃĩ] ‘nariz’

/tĩ/ [tĩ] ‘plantar’

/he ratʃĩ/ [heratʃĩ] ‘minha cabeça’

/he rati/ [herati] ‘meu sogro’

/tʃ/ : /j/

/eretʃa/ [erɛtʃã] ‘você vê’

/ereja/ [erɛjã] ‘você deixa’

/ʀ/ : /h/

/ʀo/ [ʀu] ‘comer’

/ho/ [hu] ‘ir’

/taʀi/ [taʀi] ‘filho desse’ (fala masculina)

/hahi/ [haʀi] ‘ficar doente’

/piʀa/ [piʀã] ‘fígado’

/niha/ [niʀã] ‘rede’

/w/ : /j/

/hewo/ [heʀu] ‘doce’

/mejo/ [mejʀ] ‘beiju’

3.3 Fonemas e alofones

/p/ oclusiva bilabial surda com uma única realização [p]:

/piroʃa/ [piroʃã] ‘escada’

/apira/ [apiʀã] ‘eu pisei’

/ipekõ/ [ipekũ] ‘pica-pau’

/pota/ [puʀã] ‘gostar’

/papõj/ [paʀũj] ‘papai’

/t/ oclusiva alveolar surda com duas realizações fonéticas, [ts] em variação livre com [t] diante de /i/ ou /ɨ/ em início de sílaba, com [tʰ] diante de /i/ e [t] nos demais ambientes vocálicos:

/timeʔe/ [timeʔe] ~ [tʰimeʔe] ‘bonito’

/ipotí/ [ipotí] ~ [ipoʰtʰí] ‘flor’

/potí/ [potí] ~ [poʰtʰí] ‘fezes’

/iwaʔɨ/ [iβãʔɨ] ~ [iβãʔsɨ] ‘nuvem’

/tatoi/ [tatoɨ] ‘tatuzinho’

/pita/ [piʔã] ‘calcanhar’

/tope/ [tuʔe] ‘esteira’

/tʃ/ africada alveopalatal surda com as realizações [tʃ] e [tʃʰ] em flutuação diante de vogal:

/atʃaí/ [atʃaí] ~ [atʃʰaí] ‘açaf’

/kutʃa/ [kuʔʃã] ~ [kuʔʃʰã] ‘escrever’

/katʃe/ [katʃe] ~ [katʃʰe] ‘café’

/d/ oclusiva alveolar sonora com os alofones [ð], [dʰ] e [d] em variação livre:

/diti/ [diti] ~ [ðiti] ~ [dʰiti] ‘batata doce’

/diniwo/ [ðiniβo] ~ [dʰiniβo] ‘cuspe’

/adiniwo/ [aðiniβo] ~ [aðiniβo] ~ [aʔdʰiniβo] ‘eu cuspi’

/madetʃaka/ [maðetʃãkã] ~ [maðetʃʰãkã] ‘pajé’

/dapa/ [ðaʔpa] ~ [daʔpa] ‘ovo’

/datʃe/ [ðatʃe] ~ [datʃe] ‘chifre’

/k/ oclusiva velar surda com uma única realização fonética [k]:

/akajo/ [akaʔdʒu] ‘caju’

/jakamĩ/ [jaka'mĩ] 'jacamim'

/konomĩ/ [kunʌ'mĩ] 'bebê'

/akoti/ [ako'ti] 'cotia'

/irikõ/ [iri'kũ] 'urucum'

/ʔ/ oclusiva glotal com uma única realização fonética [ʔ]:

/piriʔi/ [piri'ʔi] 'umbigo'

/oʔi/ [o'ʔi] 'flecha'

/tapiʔa/ [tapi'ʔã] 'velho'

/hewoʔi/ [heβo'ʔi] 'minhoca'

/kaʔapite/ [kaʔapi'te] 'mato'

/m/ nasal bilabial sonora com dois alofones [b] e [m]. A realização [b] ocorre em uma única palavra: [bide] 'nós', e nos demais contextos vocálicos como /m/:

/amira/ [ami'rã] 'mão de pilão'

/jakamĩ/ [jaka'mĩ] 'jacamim'

/mero/ [me'ru] 'mosca'

/he remijika/ [here,midʒi'ka] 'minha esposa'

/he ra'mi/ [hera'mi] 'minha orelha'

/maj/ ['maj] 'cobra'

/mokõj/ [mu'kũj] 'dois'

/n/ nasal alveolar sonora com uma realização fonética [n]:

/niha/ [ni'hã] 'rede'

/anira/ [ani'rã] 'morcego'

/tani/ [ta'ni] 'borboleta'

/ne pa/ [ne'pa] 'sua mão'

/tena/ [te'nã] 'banco'

/eno/ [e'nu] 'escute!'

/r/ flepe alveolar sonoro com uma única realização fonética [r]:

/he reme/ [here'mɛ] 'meus lábios'

/he reha/ [here'hã] 'meu olho'

/anira/ [ani'rã] 'morcego'

/jetjere/ [ɲetʃe're] 'jacaré'

/mero/ [me'ru] 'mosca'

/h/ fricativa glotal surda com uma única realização fonética [h]:

/jahi/ [ja'hi] 'lua'

/karahi/ [kara'hi] 'sol'

/he pa/ [he'pa] 'minha mão'

/haʔiwe/ [haʔi'we] 'amanhã'

/arapõha/ [a,rapũ'hã] 'veado'

/howĩha/ [hoβĩ'hã] 'grande'

/iwaho/ [iwa'ho] 'mel'

/w/ aproximante bilabial sonora com duas realizações, [β] flutuando com [w] antes de vogal:

/tarawe/ [tara'we] ~ [tara'βe] 'barata'

/tawe/ [ta'we] ~ [ta'βe] 'espírito'

/iwi/ [iwi] ~ [i'βi] 'chão'

/howĩha/ [howĩ'hã] ~ [hoβĩ'hã] 'grande'

/iwa/ [i'wã] ~ [i'βã] 'céu'

/iwaʔi/ [iwaʔi'tsɨ] ~ [iβaʔi'tsɨ] 'nuvem'

/hewo/ [he'wu] ~ [he'βu] 'doce'

/j/ aproximante alveopalatal sonora, tem as seguintes realizações alofônicas: [j] em variação livre com [ɲ] e [ɲ^j] em início de palavra e diante de vogais nasais ou nasalizadas, [j̥] apenas diante de vogais nasais ou nasalizadas e com [dʒ] em todos os ambientes orais.

/jete/ [jie'te] ~ [dʒie'te] 'machado'

/jetʃere/ [jetʃ'e're] ~ [ɲetʃ'e're] ~ [ɲ^jetʃ'e're] ~ [dʒetʃ'e're] 'jacaré'

/jahi/ [ja'hi] ~ [dʒa'hi] 'lua'

/jahitata/ [ja'hita'tã] ~ [ɲa'hita'tã] ~ [ɲ^ja'hita'tã] ~ [dʒa'hita'tã] 'estrela'

/jano/ [ɲã'nõ] ~ [ɲ^ja'no] ~ [dʒa'no] 'aranha'

/marakaja/ [ma,ra:kə'ɲã] ~ [ma,ra:kə'jã] 'cachorro'

/akaja/ [akə'ɲã] ~ [akã'ɲ^jã] ~ [akə'jã] 'cajá'

/he jari/ [heja'ri] ~ [hedʒa'ri] 'minha avó'

/ajoka/ [aju'kã] ~ [adʒu'kã] 'eu matei'

/ajoroe/ [ajuuru'e] ~ [adʒuru'e] 'esp. de abelha'

/miniyo/ [mini'jɻ] ~ [mini'dʒɻ] 'algodão'

3.4 Considerações finais

Identificamos 12 consoantes em Araweté: /p/, /t/, /d/, /k/, /ʔ/, tʃ/, /m/, /n/, /h/, /r/, /w/, /j/. As principais diferenças da nossa proposta em relação às propostas anteriores estão na distribuição alofônica dos fonemas: o fonema /d/ oclusivo alveolar sonoro tem, na presente proposta, os alofones [ð], [d^z] e [d]; o fonema /w/ aproximante bilabial sonoro tem as realizações [β] e [w] que se alternam antes de vogal, e o fonema /j/ aproximante alveopalatal sonoro tem as seguintes realizações alofônicas: [j] em variação livre com [ɲ] e [ɲ^j] em início de palavra e diante de vogais nasais ou nasalizadas, [j̥] apenas diante de vogais nasais ou nasalizadas e com [dʒ] em início de palavra e em ambientes orais.

Veja-se o quadro a seguir:

Quadro 5 – Comparação entre as propostas de Leite e Viera (1998), Zorzetti (1998), Solano (2004), e Alves (2008) em relação à distribuição alofônica.

	Leite e Vieira (1998)	Zorzetti (1998)	Solano (2004)	Alves (2008)
/p/	[p]	[p] [ɸ]	[p]	[p]
[b]	([b])			
/t/		[t] [ts]	[t] [ts] [tj]	[t] [tʰ] [ts]
/d/		[d] [dz]	[d]	[d] [dʰ] [ð] [dʷ]
/k/	[k]	[k]	[k]	[k]
/ʔ/	[ʔ]	[ʔ]	[ʔ]	[ʔ]
/tʃ/	[tʃ]	[tʃ]	[tʃ]	[tʃ] [tʃʰ]
/m/	[m]	[m]	[m] ([b])	[m] ([b])
/n/	[n]	[n]	[n]	[n]
/ɲ/		[ɲ]	[ɲ] [ɲ̃]	
/h/	[h]	[h]	[h]	[h]
/w/	[w]	[w]	[w] [β]	[w] [β]
/β/		[β]		
/j/	[j] [ɲ] [dʒ]		[j] [dʒ]	[j] [ɲ̃] [ɲ] [ɲʰ] [dʒ]
/r/	[r] [d] [ð]	[r]	[r]	[r]

CAPÍTULO 4: FONÉTICA E FONOLOGIA DAS VOGAIS ARAWETÉ

4 Introdução

Neste capítulo, são apresentadas as vogais do araweté, seus ambientes de ocorrência, a oposição entre os fonemas vocálicos e a distribuição alofônica presente na língua.

4.1 Descrição fonética das vogais orais

Quadro 6 – Distribuição fonética das vogais orais

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	não arred.	arred.	não arred.	arred.	não arred.	arred.
Altas fechadas	[i]		[ɨ]		[ɯ]	[u]
abertas					[ɔ]	
Médias fechadas	[e]				[ɤ]	[o]
abertas	[ɛ]				[ɔ̃]	
Baixas			[a]			

4.1.1 Descrição dos ambientes de ocorrência das vogais orais

[i] anterior alta não arredondada, ocorre em posição inicial, medial e final, precedida ou não por consoante:

[i.aru'tɬu] 'canoa'

[pɨrɨ'ʔi] 'umbigo'

[mini'jɤ] 'algodão'

[ja.hita'tã] 'estrela'

[kara'hi] 'sol'

[e] anterior média não arredondada, ocorre em qualquer ambiente, precedida ou não por consoante:

[e'dʒa] 'vem!'

[jeni'pã] 'jenipapo'

[pe'hi] 'cesto'

[here,midzɨ'ka] 'minha esposa'

[tate'to] 'caititu'

[kari'e'te] 'macaco'

[e] anterior média não arredondada, ocorre em posição medial e final, precedida ou não por consoante:

[heβo'ʔi] 'minhoca'

[here'βε] 'minha barriga'

[dʒie'te] 'machado'

[ko'pe] 'costas'

[tu'pe] 'esteira'

[i] central alta não arredondada, ocorre em posição inicial, medial ou final, precedida ou não por consoante:

[i'tã] 'pedra'

[pi'dã] 'peixe'

[ta,piʔi'tʃi] 'coelho'

[atʃa'i] 'açai'

[hera'mi] 'minha orelha'

[a] central baixa não arredondada, ocorre em qualquer ambiente em posição inicial, medial ou final, precedida ou não por consoante:

[atʃɛ] ‘eu durmo’

[ˈpa] ‘mão’

[paraˈni] ‘rio’

[heraˈmi] ‘minha orelha’

[maɖiˈʔa] ‘mandioca’

[kaˈrã] ‘cará’

[u] posterior alta não arredondada, ocorre em posição medial ou final, precedida por consoante:

[uˈhu] ‘grande’

[ajuˈru] ‘papagaio’

[i,aruˈtʃu] ‘canoa’

[ajuˈruːe] ‘abelha’

[jaˈku] ‘jacu’

[u] posterior alta arredondada fechada, ocorre em posição inicial, medial ou final, precedida ou não por consoante:

[uˈpã] ‘acabar’

[tuˈpe] ‘esteira’

[puˈku] ‘comprido’

[muˈkũj] ‘dois’

[u,rukuˈku] ‘sucuri’

[iˈtu] ‘cachoeira’

[heˈwu] ‘doce’

[o] posterior alta arredondada aberta, ocorre em posição medial ou final, precedida por consoante:

[pɛ'pʊ] 'axila'

[iwi'to] 'vento'

[tajrʊ'hʊ] 'criança'

[pitõ'mʊ] 'de noite'

[ɣ] posterior média não arredondada, ocorre em posição medial ou final, precedida por consoante:

[hedʒɣ'rɣ] 'minha boca'

[ajɣ'rɣ] 'papagaio'

[kunɣ'mĩ] 'bebê'

[taja'hɣ] 'porco do mato'

[mini'jɣ] 'algodão'

[me'jɣ] 'beiju'

[o] posterior média arredondada fechada, ocorre em posição inicial, medial ou final, precedida ou não por consoante:

[oro,koro'ã] 'coruja'

[no'pĩ] 'bater'

[kopi] 'cupuaçu'

[ipo'ti] 'flor'

[i'to] 'cachoeira'

[iwi'to] 'vento'

[ɔ] posterior média arredondada aberta, ocorre em posição medial ou final:

[tɔ'ʔi] 'periquito'

[tadi'mɔ] 'cinza'

4.2 Descrição fonológica das vogais orais

Quadro 7 – Distribuição fonológica das vogais orais

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	/i/	/i/	
Não altas	/e/	/a/	/o/

4.2.1 Contraste entre fonemas vocálicos orais

/i/ : /e/

/pihi/ [pi'hi] 'pegar'

/tena/ [te'nã] 'banco'

/pehi/ [pe'hi] 'cesto'

/tʃiɲa/ [tʃi'ɲã] 'semente'

/i/ : /i/

/kopiʔi/ [kopi'ʔi] 'pé de cupuaçu'

/tapiʔi/ [tapi'ʔi] 'anta'

/kopiʔi/ [kopi'ʔi] 'cupim'

/patʃiʔi/ [patʃi'ʔi] 'paxiúba'

/i/ : /a/

/pi/ [pi] 'pé'

/ipekõ/ [ipe'kũ] 'pica-pau'

/pa/ [pa] 'mão'

/apekõ/ [ape'kũ] 'língua'

/i/ : /o/

/oʔi/ [oʔi] ‘flecha’

/iwa/ [iβã] ‘céu’

/oʔo/ [uʔu] ‘ele come’

/he rowa/ [heru'wã] ‘meu rosto’

/e/ : /i/

/kope/ [ku'pɛ] ‘costas’

/he reme/ [hɛɾɛ'mɛ] ‘meus lábios’

/komeʔe/ [kumɛ'ʔɛ] ‘homem’

/kopi/ [ko'pi] ‘cupuaçu’

/he memi/ [hɛmɛ'mi] ‘meu filho’ (fala feminina)

/kopiʔi/ [ko'pi'ʔi] ‘cupim’

/e/ : /a/

/peʔẽ/ [pe'ʔẽ] ‘falar’

/he hi/ [he'hi] ‘minha mãe’

/he repe/ [hɛɾɛ'pɛ] ‘meu caminho’

/paʔẽ/ [pa'ʔẽ] ‘panela de barro’

/hahi/ [ha'hi] ‘ficar doente’

/he reβe/ [hɛɾɛ'βɛ] ‘minha barriga’

/e/ : /o/

/petĩ/ [pe'tĩ] ‘fumo’

/he jiete/ [hejje'tɛ] ‘meu machado’

/pota/ [pu'tã] ‘gostar’

/he joro/ [hejɣ'ɾɣ] ‘minha boca’

/i/ : /a/

/ita/ [i'tã] ‘pedra’

/pi'da/ [pi'dã] ‘peixe’

/ara/ [a'rã] ‘arara’

/tata/ [ta'tã] ‘fogo’

/i/ : /o/

/ita/ [i'tã] 'pedra'

/opa/ [u'pã] 'ele acabou'

/pi'da/ [pi'dã] 'peixe'

/po'ta/ [pu'tã] 'gostar'

/a/ : /o/

/amara/ [ama'ra] 'eu mandei'

/omara/ [uma'ra] 'ele mandou'

/atʃĩ/ [atʃĩ] 'cabeça'

/otʃĩ/ [otʃĩ] 'farinha'

4.3 Fonemas e alofones das vogais orais

/i/ anterior alta não arredondada, com uma única realização fonética [i]:

/ito/ [i'tu] 'cachoeira'

/iwitʃi/ [iwitʃi] 'piolho'

/pi/ [pi] 'pé'

/piriʔi/ [piriʔi] 'umbigo'

/anira/ [ani'rã] 'morcego'

/oʔi/ [oʔi] 'flecha'

/e/ anterior média não arredondada, com duas realizações fonéticas em variação livre, [ɛ] e [e]:

/hewoʔi/ [hewoʔi] ~ [heβoʔi] 'minhoca'

/jetʃere/ [jetʃ'eɾɛ] ~ [ɲetʃ'e'ɾɛ] 'jacaré'

/he rewe/ [here'we] ~ [here'βɛ] 'minha barriga'

/he repe/ [here'pɛ] ~ [here'pɛ] 'meu caminho'

/katʃe/ [katʃe] ~ [ka'tʃɛ] 'café'

/komeʔe/ [kumeʔe] ~ [kume'ʔɛ] 'homem'

/i/ central alta não arredondada, com uma única realização fonética [i]:

/ita/ [i'tã] 'pedra'

/itadioʔi/ [i,tadʒo'ʔi] 'anzol'

/tapiʔitʃi/ [ta,piʔi'tʃi] 'coelho'

/kopiʔi/ [kopi'ʔi] 'cupim'

/pati/ [pa'tsi] 'jabuti'

/he memi/ [heme'mi] 'meu filho' (fala feminina)

/toʔi/ [to'ʔi] ~ [tɔ'ʔi] 'periquito'

/a/ central baixa não arredondada, com duas realizações fonéticas [ã] em final palavra e [a] nos demais contextos:

/ara/ [a'rã] 'arara'

/arapõha/ [a,rapũ'hã] 'veado'

/patʃiʔi/ [patʃi'ʔi] 'paxiúba'

/marakajaʔi/ [mara,kadʒa'ʔi] 'gato do mato'

/tena/ [te'nã] 'banco'

/tʃiʔa/ [tʃi'ʔã] 'psemente'

/o/ posterior média arredondada, possui os seguintes alofones [ɔ] ~ [u] ~ [ʊ] ~ [ɤ] ~ [o] ~ [ɔ] em variação livre:

/oho/ [o'ho] ~ [u'hɔ] ~ [u'hu] 'grande'

/orokoroa/ [oro,koro'ã] ~ [uru,kuru'ã] 'coruja'

/toʔi/ [to'ʔi] ~ [tɔ'ʔi] 'periquito'

/ajoro/ [aju'rɔ] ~ [aju'ru] 'papagaio'

/he joro/ [heju'ru] ~ [hejɤ'rɤ] 'boca'

/tairoho/ [tajro'ho] ~ [tajrɔ'hɔ] 'criança'

/miniʔo/ [mini'jo] ~ [mini'jɤ] 'algodão'

4.4 Descrição fonética das vogais nasais

Quadro 8 – Distribuição fonética das vogais nasais

	Anteriores		Centrais		Posterior	
	não arred.	arred.	não arred.	arred.	não arred.	arred.
Altas	[ĩ]		[ĩ̃]			[ũ]
Não altas	[ẽ]		[ẽ̃]			[õ]
			[ã]			

4.4.1 Ambientes de ocorrência das vogais nasais

[ĩ] anterior alta não arredondada nasal, ocorre em posição inicial, medial ou final, precedida ou não por consoante:

[ĩhã] ‘caramujo, lesma’

[tʃiĩʃi] ‘tristeza’

[ɲoĩ] ‘rã’

[itʃiʃi] ‘pimenta’

[natãʃi] ‘babaçu’

[pɛʃi] ‘fumo, cigarro’

[ẽ] anterior média não arredondada nasal, ocorre em posição medial ou final, precedida por consoante:

[tẽnã] ‘banco’

[upẽʃẽ] ‘ele fala’

[ɲãʃẽ] ‘panela de barro’

[meʃẽ] ‘dar’

[muʃpẽ] ‘quebra’

[ĩ] central alta não arredondada nasal, ocorre em posição medial e final, precedida por consoante:

[ɲatsĩʔũ] ‘carapanã’

[iβãtsĩ] ‘nuvem’

[ʔĩ] ‘branco’

[tɔʔĩ] ‘periquito’

[õ] central média não arredondada nasal, ocorre em posição final e medial precedida de consoante:

[akõɲõ] ‘cajá’

[marakõɲõ] ‘cachorro’

[ã] central baixa não arredondada nasal, ocorre em posição medial e final, precedida ou não por consoante:

[tã] ‘aldeia’

[natãʔĩ] ‘babaçu’

[potʃiʔã] ‘peito’

[ka'rã] ‘cara’

[puruã] ‘engravidar’

[tʃiβã] ‘pente’

[tʃiri'mã] ‘cansaço’

[ũ] posterior alta arredondada nasal, ocorre em posição medial ou final, precedida por consoante:

[tũ] ‘pulga’

[mũ'mũ] ‘mamão’

[uma'nũ] 'ele morre'

[hɛ,rɛrɛ'kũ] 'meu esposo'

[pĩ'tũ] 'noite'

[ipɛ'kũ] 'pica-pau'

[apɛ'kũ] 'língua'

[õ] posterior média alta arredondada nasal, ocorre em posição medial ou final, precedida por consoante:

[kõ] 'buraco'

[idõ'hĩ] 'frio'

[hɛ,rɛrɛ'kõ] 'meu esposo'

[mõ'kõj] 'dois'

[tapɛ'kõ] 'abano'

[pĩ'tõ] 'noite'

4.5 Descrição fonológica das vogais nasais

Quadro 9 – Distribuição fonológica das vogais nasais

	Anterior	Central	Posterior
Altas	/ĩ/	/ɨ/	
Não altas	/ẽ/	(/ã/) ¹⁰	/õ/

4.5.1 Contraste entre fonemas vocálicos nasais

/ĩ/ : /ẽ/

¹⁰ Ver comentário no final desta seção.

/haʔĩ/ [ha'ʔĩ] 'semente'

/ɲaʔẽ/ [ɲa'ʔẽ] 'panela de barro'

/ĩ/ : /ĩ/

/idõhĩ/ [idõ'hĩ] 'frio'

/toʔĩ/ [to'ʔĩ] 'periquito'

/ĩ/ : /i/

/tĩ/ [tĩ] 'plantar'

/ti/ [ti] 'líquido'

/ẽ/ : /e/

/meʔẽ/ [mɛ'ʔẽ] 'dar'

/meʔe/ [mɛ'ʔɛ] 'coisa'

/ĩ/ : /õ/

/iwatĩ/ [iβã'tsĩ] 'nuvem'

/iwikõ/ [iwi'kũ] 'buraco no chão'

/ĩ/ : /i/

/iwaĩ/ [iwa'tsĩ] 'nuvem'

/ɲati/ [ɲa'tsi] 'jabuti'

/õ/ : /o/

/mitõ/ [mi'tũ] 'mutum'

/mito/ [mi'to] 'mutuca'

4.6 Fonemas nasais e alofones

/ĩ/ anterior alta não arredondada nasal, com uma única realização fonética [ĩ]:

/ĩha/ [ĩhã] ‘caramujo, lesma’

/ĩĩ/ [ĩĩ] ‘castanha’

/oɾĩɲa/ [oɾĩɲa] ‘ele dança’

/nanĩ/ [na'nĩ] ‘abacaxi’

/tawerĩ/ [tawe'rĩ] ‘boneca’

/otʃĩ/ [o'tʃĩ] ‘farinha’

/itʃi'ĩ/ [itʃi'ĩ] ‘pimenta’

/ẽ/ anterior média não arredondada nasal, com única realização fonética [ẽ]:

/oɾẽʔẽ/ [uɾẽʔẽ] ‘ele fala’

/omo'pẽ/ [umu'pẽ] ‘ele quebrou’

/ɲaʔẽ/ [ɲãʔẽ] ‘panela de barro’

/meʔẽ/ [me'ʔẽ] ‘dar’

/ĩ/ central alta não arredondada nasal, com única realização fonética [ĩ]:

/ĩĩ/ [ĩĩ] ‘branco’

/jaĩʔõ/ [ɲatsĩ'ũ] ‘carapanã’

/to'ĩ/ [to'ĩ] ‘periquito’

/iwãĩ/ [iβã'tsĩ] ‘nuvem’

/õ/ posterior média arredondada, com dois alofones [ũ] e [õ] em variação livre.

/mõ'mõ/ [mõ'mõ] ~ [mũ'mũ] ‘mamão’

/pitõ/ [pi'tõ] ~ [pi'tũ] ‘noite’

/ipekõ/ [ipe'kõ] ~ [ipe'kũ] 'pica-pau'

/mitõ/ [mi'tõ] ~ [mitũ] 'mutum'

4.7 Considerações sobre as vogais nasais

Os segmentos vocálicos nasais ocorrem contíguos a segmentos consonantais nasais, como em:

[mõ'mõ] 'mamão'

[amã'mãj] 'capim'

[nã'nĩ] 'abacaxi'

[nĩ] 'castanha'

[oŋĩŋa] 'ele dança'

[ɲẽ'ʔẽ] 'falar'

Precedendo sílaba final, cuja consoante seguinte é um segmento glotal ou um aproximante e a vogal seguinte é nasal:

[natã'ʔĩ] 'babaçu'

[ɲatsĩ'ʔũ] 'carapanã'

[idõ'hĩ] 'frio'

[maɾakẽ'jẽ] 'cachorro'

Em final de palavra, ocorrem predominantemente após segmentos consonantais orais:

[a'rã] 'arara'

[i'tã] 'pedra'

[pɛ'fĩ] 'fumo'

[mu'pẽ] 'quebrar'

[fĩ] 'branco'

[ipe'kõ] 'pica-pau'

[tapĩʔã] ‘velho’
 [mi'tũ] ‘mutum’

E em sílaba final seguida de aproximante nasalizado [j]:

[ha'wãj] ‘rabo’
 [tu'pãj] ‘roupa’
 [amã'mãj] ‘capim’
 [pa'põj] ‘papai’
 [hera'mõj] ‘meu avô’

Os segmentos vocálicos nasais que ocorrem nesta última situação opõem-se aos segmentos orais correspondentes, como demonstra os seguintes exemplos:

[ʔi] ‘plantar’	[ti] ‘líquido’
[me'ʔẽ] ‘dar’	[mɛ'ʔɛ] ‘coisa’
[mi'tõ] ‘mutum’	[mi'to] ‘mutuca’

Em vista dessa situação, conclui-se que a nasalidade dos segmentos vocálicos é distintiva somente em final de palavra e é condicionada nas demais posições em que ocorre. Uma situação particular, entretanto, se apresenta para o segmento [ã], quando observamos sua ocorrência no primeiro constituinte de palavras complexas, isto é, na última sílaba de palavras a que se acrescente um sufixo derivacional ou uma segunda palavra em processo de composição. Nessas situações, em lugar do segmento nasal [ã] manifesta-se sua contraparte oral [a], como nos seguintes exemplos:

[a'rã] ‘arara’
 [ara,tʃime'e] ‘arara bonita’
 [a,rara'tʃĩ] ‘esp. de arara’

[i'tã] 'pedra'

[i'tao'ho] 'pedra grande'

[i'tadʒo'ʔi] 'anzol'

[a,rapũ'hã] 'veado'

[ara,pua'ʔi] 'veado pequeno'

[ma,ra:kã'nõ] 'cachorro'

[mara,kadʒa'ʔi] 'gato do mato'

Esse fato indica que [ã] em posição final de palavra é a realização de [a] quando nessa posição. Vimos que ocorre também em final de outras palavras [a]s que nunca se nasalizam:

[pa] 'mão'

[ja'ja] 'solução'

[madi'ʔa] 'mandioca'

[e'dʒa] 'vem!'

[ihi'pa] 'cipó'

E estes [a]s mantêm-se inalterados quando seguidos por outros materiais fonológicos:

[pa] 'mão'

[papi'te] 'palma da mão'

[a] 'casa'

[aj'βe] 'em casa'

Em vista disto, não se pode por um lado concluir que a relação entre [a] e [ã] seja sempre de condicionamento automático. Por outro lado, o fato de que só em posição final parte dos /a/s se realiza nasalizada não permite uma afirmação categórica de que sejam sincrônica e intrinsecamente nasais e que se desnasalizam em fronteiro de morfema, visto que, na fala de alguns indivíduos há variações de nasais e orais tanto em final de palavra quanto em fronteira de morfemas. Tratam-se certamente de evidências de um estágio de transição por

que passa parte dos /a/s do Araweté. Diante dos fatos expostos, consideramos a possibilidade de que em breve tempo, um contraste entre /a/ e /ã/ venha a se estabelecer. Mas é possível que para alguns indivíduos esse contraste já tenha se consumado.

4.8 Considerações finais

Descremos 9 fonemas vocálicos para o Araweté, cinco orais: /i/, /e/, /ɨ/, /a/, /o/, e quatro nasais: /ĩ/, /ẽ/, /ĩ̃/ e /õ/. A central baixa nasal [ã] ocorre condicionada, ou é nasalizada em contexto nasal (consoantes), ou é uma realização fonética de /a/ em final de palavra, conforme descrito anteriormente. A principal divergência em relação aos estudos anteriores de cunho fonêmico concentra se nas vogais posteriores.

Quadro 10 – Propostas de Viera e Leite (1998), Zorzetti (1998), Leite et al. (1999), Solano (2004), e Alves (2008) em relação aos fonemas e alofones das vogais Araweté.

	Leite e Vieira (1998)	Zorzetti (1998)	Leite et al. (1999)	Solano (2004)	Alves (2008)
/i/	[i]	[i]	[i]	[i] [ɪ]	[i]
/e/	[e]	[e] [ɛ]	[e]	[e] [ɛ]	[e] [ɛ]
/ɨ/	[u] [o] [ə] [ɨ]	[ə] [ɨ]	[ɪ] [ə] [ɨ]	[ə] [ɨ]	[ɨ]
/ə/	[ə] [ɪ]				
/u/ /o/		[u] [o]	[u] [o] [ə] [ɨ]	[ɜ] [ʉ] [u] [o] [ʊ]	[ʉ] [u] [ʊ] [ɣ] [o] [ɔ]
/a/	[a]	[a] [ʌ]	[a]	[a]	[a]
/ĩ/				/ĩ/	/ĩ/
/ẽ/				/ẽ/	/ẽ/
/ɨ̃/				/ɨ̃/	/ɨ̃/
/õ/				/õ/	/õ/ /ũ/
/ã/				/ã/	(([ã]) [ə̃])

CAPÍTULO 5: ACENTO, PADRÃO SILÁBICO E PROCESSOS FONOLÓGICOS

5 Introdução

Em Araweté, as palavras simples têm de uma a quatro sílabas. Palavras derivadas ou compostas podem ter maior número de sílabas, conforme o ilustrado a seguir:

Palavras com uma sílaba

/pi/ [ˈpi] ‘pé’

/ta/ [ˈtã] ‘aldeia’

/tõ/ [ˈtũ] ‘pulga’

/ɲa/ [ˈɲã] ‘onça’

/nĩ/ [ˈnĩ] ‘castanha’

Palavras com duas sílabas

/iwi/ [iˈβi] ‘terra’

/mero/ [mɛˈru] ‘mosca’

/tope/ [tuˈpɛ] ‘esteira’

/nopĩ/ [nuˈpĩ] ‘bater’

/pehi/ [pɛˈhi] ‘cesto’

Palavras com três sílabas

/paranĩ/ [paraˈnĩ] ‘rio’

/madiʔa/ [madiˈʔa] ‘mandioca’

/tapekõ/ [tapeˈkõ] ‘abano’

/tʃirima/ [tʃiriˈmã] ‘cansaço’

/tapiʔi/ [tapiˈʔi] ‘anta’

Palavras com mais de três sílabas

/orokoro/ [uruku'ku] 'sucuri'

/jahitatã/ [ja,ħita'tã] 'estrela'

/tamanoha/ [ta,manũ'hã] 'tamanduá'

/marakaja/ [ma,ɾakãʒã] 'cachorro'

/marakaja/ 'cachorro' + /ʔi/ 'atenuativo' → /marakajaʔi/ [maɾakadʒa'ʔi] 'gato do mato'

5.1 Acento

O acento tende a ter distribuição rítmica e há uma tendência das línguas naturais a distribuir o acento com alternância regular, criando-se, no caso das palavras polissilábicas, vários graus de acento, como acentos primários, secundários, terciários (Hayes 1995).

Em Araweté, a última sílaba da palavra é a mais intensa (isto é, pronunciada com maior força expiratória). Em palavras de três ou mais sílabas destacam-se também pela intensidade as sílabas ímpares (a contar da direita para a esquerda).

Sendo assim, em compostos e em temas resultantes de derivações, existe uma redistribuição do acento, a fim de que a nova forma se enquadre no padrão acentual da língua. Como pode ser visto abaixo:

/pa/ 'mão' + /ʔi/ 'atenuativo' → /paʔi/ [pa'ʔi] 'mão pequena'

/pa/ 'mão' + /o'ho/ 'aumentativo' → /paoho/ [pa'o'ho] 'mão grande'

/tʃi/ 'nariz' + /kõ/ 'buraco' → /tʃikõ/ [tʃi'kũ] 'buraco do nariz'

/padzi'dzi/ + /ʔi/ 'pé' → /padidiʔi/ [pa,dzidzi'ʔi] 'bananeira'

/awati/ 'milho' + /ʔi/ 'atenuativo' → /awatiʔi/ [a,wati'ʔi] 'arroz'

/maraka'ja/ 'cachorro' + /ʔi/ 'atenuativo' → /marakajaʔi/ [maɾakadʒa'ʔi] 'gato do mato'

5.1.1 Acento em palavras de origem portuguesa

Nos empréstimos lexicais do português, o acento pode permanecer na última sílaba ou, ao contrário do padrão acentual Araweté, pode manter o acento original do português.

[katʃɛ] ‘café’

[ˈmãka] ‘manga’

[atʃuka] ‘açúcar’

[abakatʃi] ‘abacate’

[naˈrãɲã] ‘laranja’

[paˈrato] ‘prato’

5.2 Padrão silábico

A estrutura silábica máxima em Araweté é (C₁) V (C₂), em que C₁ corresponde a fonema consonantal, V corresponde a qualquer vogal e C₂ a consoante aproximante /j/.
Padrões silábicos:

.V.

/a/ a ‘casa’

/otʃĩ/ oːtʃĩ ‘farinha’

/ata/ aːta ‘andar’

/akaʔo/ aːkaːʔo ‘cacau’

/ajoroʔe/ aːjoːroːe ‘esp. de abelha’

.CV.

/ʔa/ ʔa ‘cabelo’

/nopĩ/ noːpĩ ‘bater’

/jaja/ jaːja ‘solução’

/jatewo/ ɲaːteːwo ‘carrapato’

/timeʔe/ tiːmeːʔe ‘bonito’

.CVC.

/maj/ maj ‘cobra’

/hawaj/ ha·wãj ‘rabo’

/tupaj/ tu·pãj ‘roupa’

/papõj/ pa·põj ‘papai’

5.3 Processos fonológicos

As descrições fonológicas existentes sobre línguas Tupí-Guaraní demonstram que as línguas dessa família que têm consoantes finais compartilham de vários processos fonológicos, como lenização de consoantes finais em fronteira de morfema, queda dessas consoantes em juntura morfológica quando o morfema seguinte começa por consoante, entre outros (Rodrigues 1953). O Araweté não possui consoantes finais, exceto a aproximante palatal /j/, de forma que os processos fonológicos nela ativos são em número bastante reduzido.

Nesta seção, apresentamos os processos fonológicos identificados na língua Araweté.

5.3.1 Reduções**5.3.1.1 Queda da vogal /i/ em início de palavra**

A vogal /i/ sofre queda opcional quando único segmento de sílaba inicial de temas com mais de duas sílabas:

/idaʔi/ ~ /daʔi/ ‘passarinho’

/idõhĩ/ ~ /dõhĩ/ ‘frio’

5.3.1.2 Queda de fricativa glotal

A fricativa glotal cai quando à sílaba final e acentuada, da qual é *onset*, é adicionado morfema acentuado. Exemplos:

/tamanũ'hã/ 'tamanduá' + /ʔi/ 'atenuativo' → /tamanõaʔi/ [tama,nũa'ʔi] 'tamandua pequeno'
 /arapõ'hã/ + /ʔi/ 'atenuativo' → /arapoaʔi/ [ara,pua'ʔi] 'veado pequeno'

5.3.1.3 Queda de aproximante labial

A aproximante labial tende a cair quando precedida por vogal posterior:

[hu'wã] ~ [hu'ã] 'rosto dele'

[u'wã] ~ [u'ã] 'rabo dele'

5.3.1.4 Queda de oclusiva glotal

A consoante oclusiva glotal tende a cair quando está entre vogais:

[tapɨ'ʔã] ~ [tapɨ'ã] 'velho'

[natã'ʔi] ~ [natã'i] 'babaçu'

[aɖʒoro'ʔe] ~ [aɖʒoro'e] 'esp. de abelha'

[tõ'ʔi] ~ [to'i] 'periquito'

[a'ʔo] ~ [a'o] 'eu como'

[atʃa'ʔi] ~ [atʃa'i] 'açai'

5.3.1.5 Queda de sílaba medial

Há um caso em que uma sílaba inteira pode ser apagada diante de outra com consoante homorgânica:

[adido'pi] ~ [ado'pi] 'pescoço'

5.3.2 Propagação de nasalidade

A propagação de nasalidade em Araweté pode ocorrer no interior de um morfema ou através de morfemas.

5.3.2.1 Nasalização no interior de morfema

A vogal /a/ se nasaliza em final de palavra:

/ara/ [a'rã] 'arara'
 /kara/ [ka'rã] 'cará'
 /tata/ [tatã] 'fogo'
 /pida/ [pɨ'dã] 'peixe'
 /piʔa/ [piʔã] 'fígado'
 /niha/ [ni'hã] 'rede'
 /anira/ [ani'rã] 'morcego'

As vogais do Araweté podem opcionalmente realizar-se nasalizadas quando:

Seguidas de consoante nasal

/tanĩ/ [ta'nĩ] ~ [tã'nĩ] 'borboleta'
 /nanĩ/ [na'nĩ] ~ [nã'nĩ] 'abacaxi'
 /tena/ [te'nã] ~ [tẽ'nã] 'banco'
 /tʃɨna/ [tʃi'nã] ~ [tʃĩ'nã] 'semente, colar'
 /inaja/ [ina'pã] ~ [inã'pã] 'inajá'

Sílaba com vogal intrinsecamente nasal

/idõhĩ/ [ido'hĩ] ~ [idõ'hĩ] 'frio'
 /itʃiʔĩ/ [itʃiʔĩ] ~ [itʃĩʔĩ] 'pimenta'
 /toʔĩ/ [toʔĩ] ~ [tõʔĩ] 'periquito'
 /neʔẽ/ [neʔẽ] ~ [nẽʔẽ] 'falar'
 /paʔẽ/ [paʔẽ] ~ [pãʔẽ] 'panela de barro'

Sílaba com vogal nasalizada

/howĩhã/ [howi'hã] ~ [howĩ'hã] 'grande'

/niha/ [ni'hã] ~ [nĩ'hã] 'rede'

/marakaja/ [ma,raka'pã] ~ [ma,rakã'pã] 'cachorro'

/arapõha/ [a,rapu'hã] ~ [a,rapũ'hã] 'veado'

5.3.3 Assimilação

5.3.3.1 Assimilação total

O fonema /r/ inicial de palavra sofre nasalização quando a palavra precedente termina em vogal nasal ou nasalizada:

/he jaĩ rĩ/ [hedʒa'rĩ nĩ] 'dente de minha avó'

/opa ko iwira ratʃĩ/ [u'pã 'ku iβi'rã na'tʃĩ] 'o galho quebrou'

/apira ko he iβitʃĩ re/ [api'rã ku'he iβitʃĩne] 'eu pisei na areia'

/marakaja rawaj he ko he nopĩ/ [ma,rakã'pã na'wãĩ he'ku 'he nu'pĩ] 'o rabo do cachorro bateu em mim'

Em Araweté, é comum a nasalização opcional de certos morfemas, como os que correspondem à marca de foco /ko/ e ao enclítico de negação /ja/, quando contíguos a morfemas com segmentos nasais ou nasalizados:

/ame'ʔẽ ja he mejo ne re/ [ame'ʔẽ ja'he me'ju ne're] ~ [ame'ʔẽ ñã'he me'ju ne're] 'eu não dei beiju para você'

/ne tʃirei ko ne/ [netʃi'rei ku'ne] ~ [netʃi'rei kũ'ne] 'você sonhou'

/he rowa ja we/ [heɾu'wã ja'we] ~ [heɾu'wã ã'we] 'não é minha testa'

/akaro ja he komete/ [aka'ru jã'hẽ kume'te] 'eu não comi ontem'

5.3.4 Adaptação fonológica dos empréstimos do Português

5.3.4.1 Epêntese

Grupos consonantais de palavras do Português são desfeitos pela epêntese de uma vogal da mesma qualidade vocálica da vogal seguinte.

Exemplos:

[pa'rato] 'prato'

[ka,raβ'aðə] 'gravador'

5.3.4.2 Ensurdimento de [b] e [g]

As oclusivas sonoras [b] e [g] são interpretadas como surdas:

[kuj'apa] 'goiaba'

[ka,raβi'ora] 'graviola'

[mãka] 'manga'

5.3.4.3 Redução da seqüência [gw]

A seqüência [gw] do Português é reduzida a k:

[kaɾa'na] 'guaraná'

5.3.4.4 Adaptação de [v]

O som [v] do Português é interpretado como [β]:

[ka,raβi'ora] 'graviola'

5.3.4.5. Adaptações de [l]

O som [l] do Português é interpretado como [r]:

[jori'ana] 'Juliana'

[eri'etʃi] 'Eliete'

[te,ɾeβi'zãw] 'televisão'

O som [l] é pronunciado como [n] quando está diante de fonema nasal.

[na'rãŋa] 'laranja'

[ni'mãw] 'limão'

[mana'tʃia] 'melancia'

5.4 Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos os processos fonológicos identificados até o presente momento na língua Araweté. Esses são processos de duas naturezas, os que implicam em quedas de segmentos e os que consistem em propagação de nasalidade. O reduzido número de processos fonológicos da língua deve-se à ausência de consoantes finais, principais segmentos afetados por processos de elisão e assimilação em outras línguas da família.

Além disso, mostramos que a atribuição do acento nesta língua recai sempre sobre a última sílaba, que a sílaba máxima é (C₁) V (C₂), e que são feitas adaptações fonológicas do português para o Araweté.

CAPÍTULO 6: PROCEDIMENTOS E RESULTADOS DA ANÁLISE ACÚSTICA DAS VOGAIS DO ARAWETÉ

6 Introdução

Neste capítulo, apresentamos os resultados de uma análise acústica das vogais do Araweté, realizada com o objetivo principal de contribuir para um exame mais preciso das propriedades acústicas das vogais posteriores e da central alta desta língua.

6.1 Procedimentos analíticos

Conforme mencionado na introdução desta dissertação, os dados utilizados na análise foram gravados em um aparelho *Sony Portable MiniDisc Recorder MZ-NH700* e em *Sony TCM-5000*, foram digitalizados em *Marantz PMD671* na frequência de 44.100 Hz e transferidos para o computador.

A análise acústica das vogais do Araweté foi feita no programa *Praat* (Algoritmo LPC para estimativa de formantes) e priorizou a medição dos formantes F1 e F2, de um total de 164 vogais proferidas pelo mesmo falante: Iwane ro, 23 anos de idade.

Apresentamos, a seguir, as representações gráficas das distribuições dos valores encontrados para F1 e para F2 (gráfico *Boxplot*) e para o espaço vocálico na dimensão desses dois formantes (gráfico de dispersão).

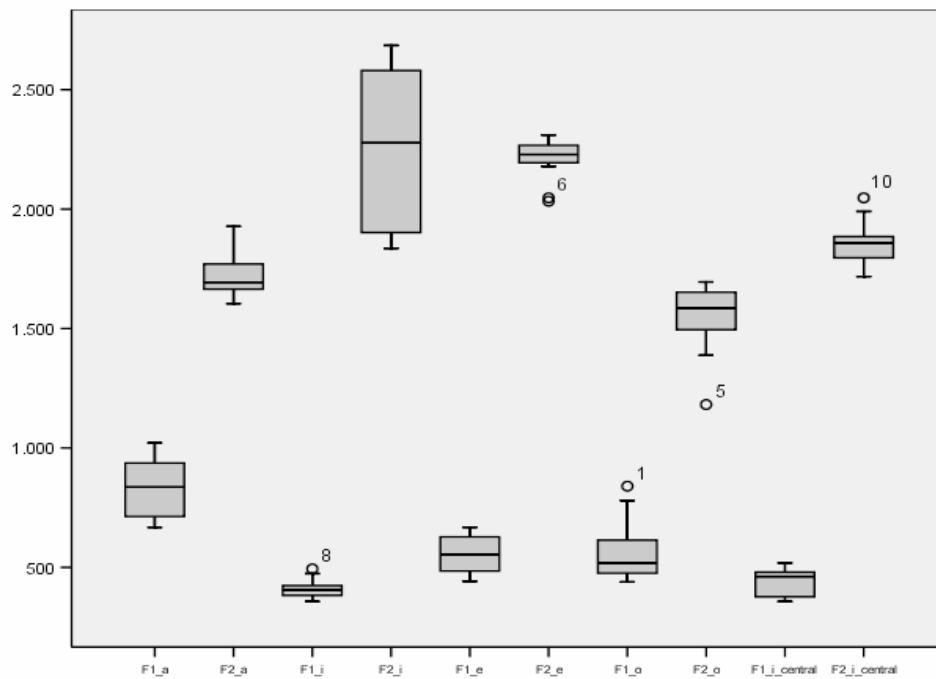


Figura 14 - Gráfico Boxplot dos formantes F1 e F2 de cada uma das cinco vogais orais do Araweté.

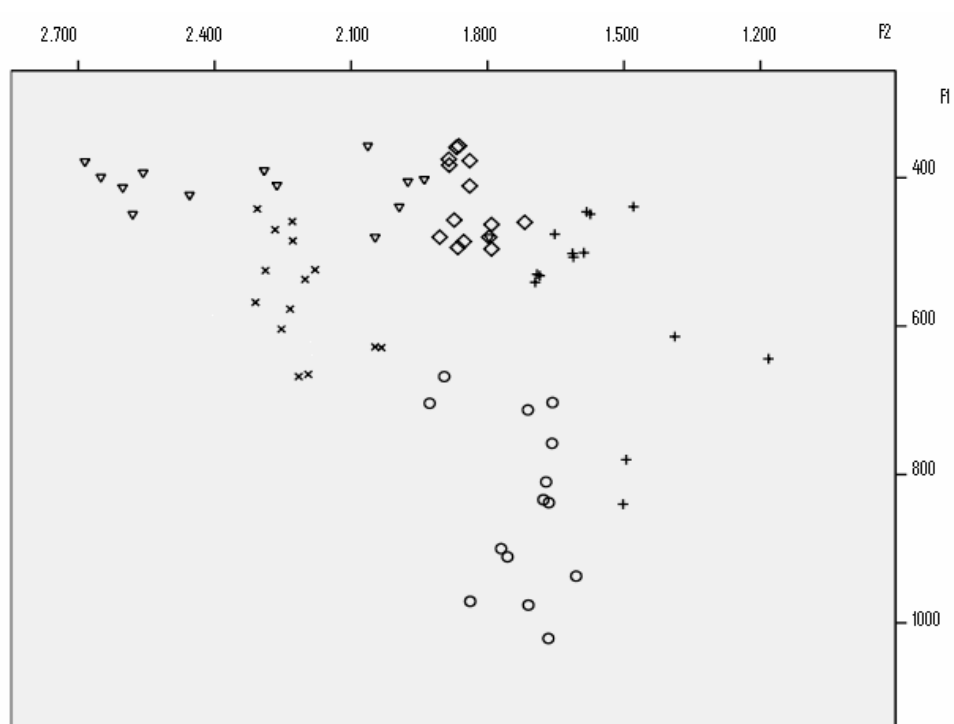


Figura 15 – Gráfico de dispersão das vogais do Araweté no espaço F1 e F2.

Legenda:

- ∇ Vogal anterior alta /i/
- x Vogal anterior baixa /e/
- ◇ Vogal central alta /i/
- Vogal central baixa /a/
- + Vogal posterior /o/

6.2 Considerações finais

De acordo com os gráficos apresentados, verifica-se que na dimensão anterior/posterior, que é dada pelo valor de F2, o *i* é a vogal que mostra maior variação entre as cinco vogais orais da língua. Por outro lado, na dimensão de altura, dada pelo valor de F1, o *a* é a vogal oral que mostra o maior grau de variação.

Os resultados da análise acústica reforçam vários pontos da análise segmental dos fonemas do Araweté apresentada no capítulo 4, dentre os quais, as variantes fonéticas dos fonemas /i/ e /o/. Um dos pontos mais fortalecidos pelo presente estudo é o de que as vogais posteriores apresentam variantes labializadas e deslabializadas, mas não centrais, e que não há superposição da vogal posterior com a vogal central alta. Por um lado, esse resultado difere do resultado apresentado por Leite e Vieira (1998), e Leite et al. (1999), o qual indica uma sobreposição nos espaços de dispersão da central e da posterior altas. De outro lado, a análise de Leite et al. (1999) concorda com os resultados aqui apresentados no que concerne à altura das vogais posteriores, quando comparadas à central, o F1 de *o* tem uma mediana maior do que o F1 de *i*, o que indica um grau maior de abertura do *o*.

CONCLUSÃO

Os primeiros trabalhos lingüísticos sobre a língua Araweté se basearam em um número muito reduzido de dados, pela dificuldade tanto de comunicação, pois durante a primeira década do contato os Araweté permaneceram majoritariamente monolíngües, quanto pelo difícil acesso à região do Ipixuna, em que vivem os Araweté. Entretanto, foram esses primeiros trabalhos que abriram caminhos importantes para o desenvolvimento dos estudos subseqüentes sobre a língua. Dentre esses estudos destacamos os trabalhos de Castro (1986), de Rodrigues (1984/1985), Leite e Vieira (1998), Leite et al. (1999), assim como estudos mais recentes de Solano (2004), e Cabral e Solano (2006).

Nesta dissertação apresentamos uma análise fonológica do Araweté, em que procuramos contribuir para o aprofundamento do conhecimento de sua fonologia. Identificamos 12 fonemas consonantais: /p/, /t/, /d/, /k/, /ʔ/, /tʃ/, /m/, /n/, /h/, /ɾ/, /w/, /j/. Foram descritos os seguintes fonemas vocálicos orais: /i/, /e/, /ɛ/, /a/, /o/, e os nasais: /ĩ/, /ẽ/, /ĩ/ e /õ/. No presente estudo, analisamos o fonema oclusivo alveolar sonoro /d/ como tendo os alofones [ð], [dʲ] e [d]; o fonema aproximante bilabial sonoro /w/ foi analisado como tendo duas realizações, [β] flutuando com [w]; e o fonema /j/ aproximante alveopalatal sonoro tem as seguintes realizações alofônicas: [j] em variação livre com [ɲ] e [ɲʲ] em início de palavra e diante de vogais nasais ou nasalizadas, [j̃] apenas diante de vogais nasais ou nasalizadas e com [dʒ] em início de palavra e nos ambientes orais.

A nossa análise se aproxima da apresentada em Solano (2004) no que diz respeito à fonemização de um fonema posterior arredondado /o/ com os alofones [u] ~ [ʊ] ~ [u] ~ [ɣ] ~ [o] ~ [ɔ].

Dentre as diferenças entre a nossa proposta e as de outros autores está também a não fonemização de uma vogal nasal /ã/. Diferentemente dos estudos precedentes, verificamos que a nasalidade dessa vogal é adquirida em contexto de final de palavra, de forma que, quando um morfema oral é adicionado, a vogal se realiza como [a] oral. Historicamente esses /a/s são reflexos de antigos /a/s orais. É possível que em alguns falantes a variante nasalizada esteja se fixando com valor contrastivo, já que a tendência da língua está sendo a de restabelecer antigos contrastes perdidos (Rodrigues e Cabral, comunicação pessoal).

Mostramos que os processos fonológicos identificados são de natureza assimilatória, redutora e de propagação de nasalidade. E que os Araweté adaptam a fonologia do Português

à fonologia de sua língua. Além da análise fonológica segmental, fizemos algumas considerações sobre acento e padrão silábico em Araweté. Também procedemos à análise acústica de alguns dados, subsidiada por procedimentos estatísticos, cujos resultados contribuem para ampliar o conhecimento de aspectos importantes das vogais menos anteriores do Araweté /i/ e /o/, na medida em que mostram que não há superposição de vogais centrais com vogais posteriores não arredondadas.

Finalmente, deixamos aqui registrado o nosso desejo de continuar contribuindo para o aprofundamento do conhecimento sobre a língua Araweté, assim como para a sua documentação lingüística e para a sua aplicação em benefício do povo Araweté.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADMINISTRAÇÃO EXECUTIVA REGIONAL DE ALTAMIRA. Disponível em: <http://www.altamiranet.com.br/Funai/estrutura_adm.htm>. Acesso em 11 jan. de 2008.

ARNAUD, Expedito. 1978. Notícias sobre os índios Araweté, rio Xingu, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, n.71. Belém.

BLOOMFIELD, Leonard. 1961. *Language*. London: G Allen & Unwin.

CABRAL, Ana Suely A. C e SOLANO, Eliete de Jesus B. 2006. Mais fundamentos para a hipótese de proximidade genética do Araweté com línguas do subramo V da família Tupí-Guaraní, p.1621-1630. *Estudos Lingüísticos XXXV*.

CÂMARA Jr., Mattoso. 1969. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. Coleção Biblioteca Brasileira de Filologia.

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 1977. 2ª edição. Rio de Janeiro: Padrão.

CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. 1986. **Araweté**: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CHOMSKY, Noam e HALLE, Morris. 1968. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row.

COUDREAU, Henri. 1892. *Vocabulaires méthodiques des langues Ouyana, Aparai, Oyampi, Emerillon*. (Bibliothèque Linguistique Américaine 15). Paris: Maisonneuve.

EVERETT, Caleb. 2006. *Patterns in Karitiana: articulation, perception, and grammar*. Tese de Doutorado. Rice University, Texas.

HAYES, Bruce. 1995. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago: University of Chicago Press.

HUXLEY, Francis. 1963. *Selvagens amáveis*, vol. 316. São Paulo: Nacional.

JAKOBSON, Roman. 1967. *Fonema e fonologia: ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

_____; FANT, C. Gunnar M. e HALLE, Morris. *Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates*. 1972. Cambridge: Mit Press.

JENSEN, Cheryl Joyce S. 1990. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. 2ª edição. Série Línguas Indígenas. Campinas: UNICAMP.

LEITE, Yonne e VIERA, Márcia 1998. Observações Preliminares sobre a Língua Araweté. *Moara - Revista dos Cursos de Pós-Grad. em Letras da UFPA* 9, p 7-31. Belém.

_____ et al. 1999. Fonética Acústica e Representação Fonológica: as vogais do Araweté. *IX Congresso da ASSEL*, Faculdade de Letras: UFRJ.

LEMLE, Miriam. 1971. "Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family". In: David Bendor-Samuel, (org.), *Tupi studies I*, p.107-129. Norman, Oklahoma: Summer Institute of Linguistics.

LIVE SEARCH MAPS. Disponível em: <<http://www.livemaps.com.br/>> Acesso em: 11 dez. 2006.

MARTINET, André. 1965. *Elementos de lingüística general*. Madrid: Gredos.

MÜLLER, Regina Pólo. 1980. Os últimos Tupi da Amazônia. *Revista Geográfica Universal*, n.71, p.26-43.

_____. 1984/1985. Asuriní do Xingu. *Revista de Antropologia*, vol.27/28. São Paulo: USP.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Disponível em: <[http:// www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org)> Acesso em: 10 de fev. 2007.

RIBEIRO, Berta G. 1983. Araweté: a índia vestida. *Revista de Antropologia*, v.26. São Paulo: USP.

_____. Tecelãs tupi do Xingu. 1984/1985. *Revista de Antropologia*, v.27/28, p.355-402. São Paulo: USP.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1953. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, n.1, p.121-152. Curitiba.

_____. 1984/1985. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, n.27/28, p.33-53. São Paulo: USP.

_____ e CABRAL, Ana Suelly A. C. 2002. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática, história*, vol. I, p.327-337. Belém: EDUFPA.

SOARES, Marília e LEITE, Yonne. 1991. Vowel shift in the Tupi-Guarani language family: a typological approach. In: Mary Ritchie Key (org.). *Language Change in South American Indian Languages*, p.36-53. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

SOLANO, Eliete de Jesus B. 2004. *A posição do Araweté na família Tupí-Guaraní*. Dissertação de Mestrado, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, Belém.

TRUBETZKOY, Nicolay. 1969. *Principles of phonology*. Trad. C. A. M. Baltaxe. Berkeley, Los Angeles: University of California Press (Publicação original pelo Círculo Lingüístico de Praga em alemão: 1939).

ZORZETTI, Solange Amâncio. 1998. *Classificação da língua Araweté*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará (campus de Altamira), Altamira.

Obras consultadas

ALVES, Poliana Maria. 1991. *Análise fonológica preliminar da língua Tupari*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

ARAWETÉ: povo do ipixuna. 1993. Direção: Murilo Santos. Vídeo Cor, VHS, 30 min. Produção: Cedi/PIB.

CABRAL, Ana Suelly A. C. 2001. Prefixos relacionais na família Tupí-Guaraní. In: SOARES, Marília E. (Org). *Boletim da ABRALIN* 25, p.213-262. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC.

_____ e RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 2001. *Estudos sobre línguas indígenas*. Belém: Universitária UFPA.

_____ e RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 2007. *Línguas e culturas dos povos Tupí*, v.1. Campinas: Curt Nimuendaju.

CÂMARA Jr., Mattoso. 1965. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

_____. 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. 1984/1985. Os deuses canibais: a morte e o destino da alma entre os Araweté. *Revista de Antropologia*, v.27/28, p.55-90. São Paulo: USP.

_____. 1986. Escatologia pessoal e poder entre os Araweté. *Religião e Sociedade*, v.13, n.3, p.2-26. Rio de Janeiro: Iser.

_____. 1988. Os Araweté. In: SANTOS, Leinad Ayer O.; ANDRADE, Lúcia M. M. de (orgs.). *Hidrelétricas do Xingu e os povos indígenas*. São Paulo: CPI-SP.

_____. 1992. *Araweté: o povo do Ipixuna*. São Paulo: Cent Ecum Doc & Inf.

_____. 1995. *Antropologia do parentesco: estudos ameríndios*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. 2002. *A Inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.

CUNHA, Manuela Carneiro da e CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. 1993. *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

ENCYCLOPEDIA of world cultures, vol VII. 1994. South America. Johannes Wilbert (volume editor). G.K Hall & Co. Boston, Massachusetts.

FARIA, Renata Barros Marcondes de. 2007. *Povos indígenas na Amazônia e o mercado de produtos florestais não-madeireiros: efeitos no uso de recursos naturais pelos Araweté*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

FILHO, A. Oswaldo Sevá. *Tenotã – mãe. Alertas sobre os conflitos sociais e prejuízos ambientais dos projetos de hidrelétricas no rio Xingu, Pará, Brasil*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/2005/02/17>> Acesso em: 22 de fev. 2007.

GUEDES, Marymarcia. 1991. *Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá*. Série Línguas Indígenas. Campinas: UNICAMP.

LYONS, John. 1987. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara.

MAGALHAES, Marina Maria Silva. 2002. *Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Guajá*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

MONSERRAT, R. M. F. Irmãzinhas de Jesus. 1998. *Língua Asuriní do Xingu: observações gramaticais*. Belém: Conselho Indigenista Missionário.

MÜLLER, Regina Polo. 1993. *Os Asuriní do Xingu: história e arte*. 2ª edição. Campinas: UNICAMP.

RIBEIRO, Berta G. 1982. *Asuriní e Araweté - Documentários Etnográficos em Vídeo-Cassete*. Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1964. A classificação do troco lingüístico Tupí. *Revista de antropologia*, n.12, p.99-104. São Paulo: USP.

_____. 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

_____. Silêncio, pausa e nasalização. 1986. ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA n.8, p.53-159. *Anais*. Rio de Janeiro.

_____. 1999. Tupí. In DIXON, R. M. W. e AIKHENVAL, A. Y. (eds.). *The Amazonian Languages*, p.107-124. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ e CABRAL, Ana Suely A. C. 2003. *Dicionário Asuriní do Tocantins – Português*, v.1. Belém, PA: UFPA/IFNOPAP e UnB/IL/Laboratório de Línguas Indígenas.

_____ e CABRAL, Ana Suely A. C. (coords.). 2005. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Universidade de Brasília.

_____ e CABRAL, Ana Suelly A. C. (orgs). 2007. *Línguas e culturas Macro-Jê*. Brasília: Universidade de Brasília.

SAUSSURE, Ferdinand de. 1969. *Curso de lingüística geral*. Tradução de: Cours de linguistique generale. São Paulo: Cultrix.

WETZELS, Leo. 1995. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ.